



# 1º Prêmio Jundiaí de **Literatura**



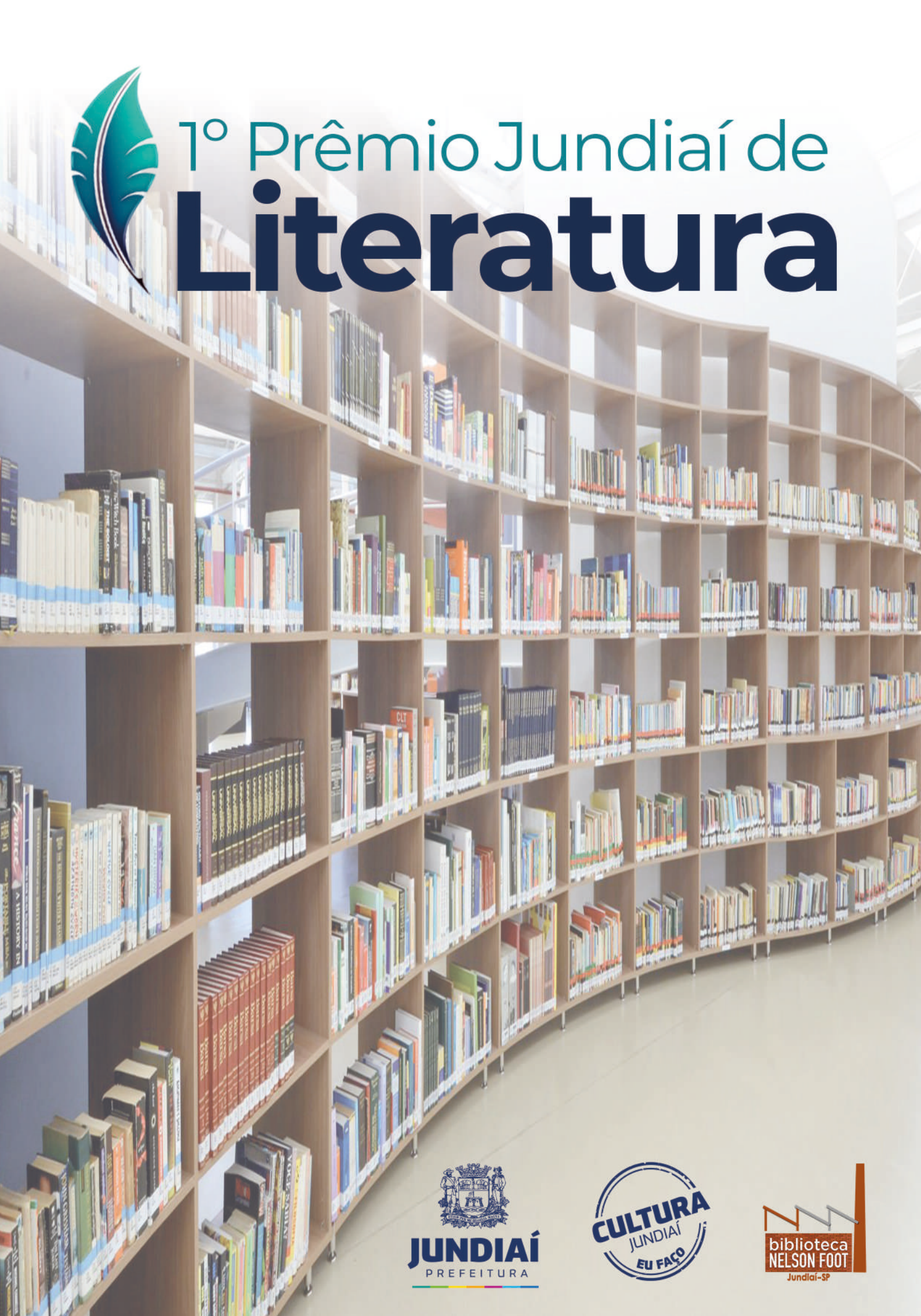
Acesse também  
pelo QR Code:



**JUNDIAÍ**  
PREFEITURA



# 1º Prêmio Jundiaí de **Literatura**



## Ficha Técnica

Todos os direitos estão reservados para a  
Biblioteca Pública Municipal “Prof. Nelson Foot”  
Proibida a reprodução total ou parcial desta obra.

Editores responsáveis: **Unidade de Gestão de Cultura (UGC) /  
Biblioteca Pública Municipal Professor Nelson Foot (BNF)**

**Organização:** Equipe BNF

**Fotos:** Acervo da Biblioteca

**Os textos aqui publicados mantêm o formato original.  
Não expressam o ponto de vista da Prefeitura do Município de  
Jundiaí, da Unidade de Gestão de Cultura ou mesmo  
da Biblioteca Pública Municipal “Prof. Nelson Foot”.**

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P925 Prêmio Jundiaí de Literatura, 1º, 2023 / Organização: Equipe  
BNF. — Jundiaí, SP: In House, 2024.  
82p.: il. ; col.  
11.698KB ; PDF

ISBN 978-85-7899-741-0

1. Literatura brasileira – Jundiaí (SP).  
I. Biblioteca Pública Municipal Prof. Nelson Foot  
(Jundiaí, SP).

CDD 20.ed.-869.93

Priscila Nozaki CRB-8/8437



11 4607.8747 | 99903.7599



editorainhouse@gmail.com



www.livrariainhouse.com



editorainhouse

www.editorainhouse.com.br

## SUMÁRIO

|   |    |
|---|----|
| Apresentação da Biblioteca.....               | 6  |
| Ações Culturais .....                         | 8  |
| Biblioteca Pública como espaço inclusivo..... | 10 |
| 1º. Prêmio Jundiá de Literatura .....         | 17 |

## CATEGORIA TALENTO MIRIM

|  |    |
|--|----|
| Um mundo de diversões / Miguel Facioli Silva.....                | 20 |
| O mês das crianças / Lívia de Carvalho Amaral .....              | 21 |
| Se criança governasse o mundo / Mariana Lombardi .....           | 22 |
| Se criança governasse o mundo! / Vitória de Freitas Poranga..... | 24 |
| O mundo das crianças / Isis Shirahama Coelho.....                | 27 |

## CATEGORIA JOVEM TALENTO

|   |    |
|---|----|
| O Reino da Revolução / Catarina Beteli Queiroz.....                 | 31 |
| A ferramenta para mudança / Julia Figueiredo Cunha.....             | 34 |
| Conhecimento Errante / Arhur Orlandi.....                           | 37 |
| Todos os créditos praquela imbecil / Bruno dos Santos Catarin ..... | 40 |
| O refúgio em meio ao caos / Giovana Lopes Farias .....              | 43 |

## CATEGORIA ADULTO

|  |    |
|--|----|
| Entre o cachorro e o menino havia um livro / Cássio J. N. Cobra..... | 49 |
| Alvenaria da vida / Adriano Carlos Moura .....                       | 52 |
| Ídolos de hoje, livros para todo amanhã / Bruna Mello de Cenço ..... | 55 |
| A Praia dos Contadores de Estórias / Treyce H. R. Anunciado.....     | 59 |
| O portal / Angela Teresa Batista Ferreira.....                       | 62 |

## CATEGORIA PRATA DA CASA

|   |    |
|---|----|
| Flores no vaso / Ana Paula Miurim .....                             | 68 |
| Sangue, água e sabão / Miquéias Henrique de Sousa Gomes .....       | 71 |
| Eu e minha mãe / Carolina Camila Bonelli .....                      | 74 |
| Esperança a esta criança / Bruna Aparecida Garcia de Oliveira ..... | 79 |
| No Jardim da Infância / Adriana Jungbluth.....                      | 81 |



## APRESENTAÇÃO

Celebramos o 1º Prêmio Jundiaí de Literatura, uma iniciativa dedicada a impulsionar a expressão literária contemporânea, cultivar talentos locais e construir uma ponte de compreensão e conexão entre o mundo e as pessoas. Ao eleger o Estatuto da Criança e do Adolescente como tema gerador, reiteramos nossa proposta do programa Jundiaí Cidade das Crianças, que se destaca por entender as políticas públicas de infância como prioridade.

Foi por reconhecer a importância de proporcionar a todos a oportunidade de expressarem suas perspectivas, que estabelecemos categorias distintas, como Talento Mirim, Jovem Talento, Adulto e Prata da Casa. Nosso objetivo vai além de simplesmente premiar. Buscamos instigar a reflexão sobre um tema vital, assumindo a linguagem literária como instrumento de impacto e transformação da sociedade.

A linha condutora deste prêmio foi, indubitavelmente, a literatura. Cada categoria do Prêmio Jundiaí de Literatura representa uma voz única, uma perspectiva que, por meio da escrita, se transforma em testemunho do poder transformador das palavras. Acreditamos que a linguagem artística de um texto literário permite a discussão de temas desafiadores de forma sutil e ficcional. A ficção, com sua capacidade única de explorar a realidade por meio de narrativas inventivas, nos auxilia na compreensão mais profunda e empática das questões que cercam nossas vidas.

Almejamos que este seja apenas o primeiro de tantos outros prêmios literários em Jundiaí, pois é o objetivo da Unidade de Gestão de Cultura promover o desenvolvimento da escrita e estimular a literatura como um meio enriquecedor de expressão e autoconhecimento. Esperamos que cada edição futura seja um novo capítulo na construção de uma tradição literária, contribuindo para o crescimento cultural e intelectual de nossa comunidade. Agradecemos calorosamente a todos os participantes, educadores e apoiadores por fazerem parte deste projeto.

Que consigamos perceber o quão potentes são as infâncias e que respeitar e fazer valer o Estatuto é mais do que um compromisso, mas uma obrigação.

**Marcelo Peroni**

Gestor da Unidade de Cultura



## ACÇÕES CULTURAIS

A Biblioteca Municipal Prof. Nelson Foot é um espaço precioso. Ela expressa por completo o objetivo da Unidade de Gestão de Cultura. Nela você empresta e lê livros, gibis e outras publicações, realiza reuniões, pesquisas, consultas e ensaios, participa de palestras, oficinas e workshops, é público para diversas formas de apresentações artísticas e festivais. A própria arquitetura e distribuição dos ambientes favorece a convivência de múltiplas linguagens. É justamente o que acreditamos, o caráter transversal da cultura e da arte, passando por diversas áreas e saberes, proporcionando experiência única, potencializando o ser humano.

Sobre o 1º Prêmio de Literatura, dentre vários aspectos positivos, destaco os de incentivar e a motivar a criança e o jovem para a leitura e a criação de textos literários.

É notável o efeito das tecnologias mais recentes sobre a informação e sobre a forma de como as absorvemos. Porém alguns tipos de “conhecimentos” se constroem com tempo, recorrência e disponibilidade. A leitura e a criação literária necessitam desse “tempo”, desse “espaço”, e, motivar novas gerações para isso, na atualidade, é um grande desafio.

Acredito que a Biblioteca e esta nova ação anual, o Prêmio de Literatura, sejam espaços importantes para enfrentarmos este desafio, em pensar as novas tecnologias “instantâneas” como ferramentas e compreender o tempo de construção inerente à criação e à apreciação de obras artísticas, no caso literárias, processo este que exige crítica, contemplação e reflexão.

Estamos dispostos, através das ações da Unidade de Gestão de Cultura, principalmente pela Biblioteca Prof. Nelson Foot, a cada vez mais inserir e motivar as pessoas à leitura e à criação literária.

**João Carlos de Luca**

Diretor do Departamento de Cultura





## BIBLIOTECA PÚBLICA COMO ESPAÇO INCLUSIVO

Nossa missão é tornar a Biblioteca um ponto de convergência cultural e intelectual para a comunidade, um lugar onde todas pessoas são bem-vindas a participar e realizar atividades enriquecedoras.

### NOSSOS ESPAÇOS:

**Galeria Jundiaí** - novo espaço de exposições, que busca valorizar o artista local e garantir o acesso da população às artes visuais.



**Espaço para o Bebê** - Espaço especial para bebês e seus cuidadores, com paredes táteis, livros de pano e livros-brinquedo. Ambiente projetado para promover o desenvolvimento de vínculos afetivos por meio do brincar e da leitura.



**Gibiteca** – Espaço vibrante para os amantes de histórias em quadrinhos e ilustrações.



**Arena de Contação de Histórias** – Local onde cada narrativa ganha vida em um espetáculo artístico envolvente, convidando todos a se perderem em aventuras, imaginação e aprendizado.



## NOSSOS PROJETOS:



**Projeto Viagem Literária** – Desenvolvemos o “Viagem Literária”, um projeto destinado a alunos de todas as idades, desde a Educação Infantil II até a Educação de Jovens e Adultos (EJA). Esse projeto oferece às escolas de Jundiaí a oportunidade de se aproximar de autores e suas obras, promovendo diálogos que despertam práticas e comportamentos leitores. O objetivo central é a democratização da leitura e a formação de novos leitores. Para tornar o projeto ainda mais cativante, apresentaremos o autor convidado, por meio das personagens Vó Cecília e Nelsinho, mascote da Biblioteca Professor Nelson Foot. Esses bonecos de mamulengo têm o objetivo específico de encantar os estudantes, apresentar a biblioteca como um equipamento cultural e informacional acessível a todos e, acima de tudo, destacar a importância da leitura. As escolas recebem dois exemplares do livro para enriquecer seus projetos literários.

**Projeto “Aqui Tem Histórias”** – Oferecemos um momento especial com a literatura para alunos da Educação Infantil II e do Ensino Fundamental I e II. Este projeto inclui visitas monitoradas seguidas de sessões de contação de histórias com o tema “Brasilidades”, levando os estudantes a uma emocionante viagem pela cultura popular brasileira.

**Projeto de Mediação de Leitura “Lê no Ninho”:** desenvolvemos um programa específico para bebês em creches, onde os pequenos ouvem histórias, brincam e cantam em um ambiente aconchegante, com seus professores e agentes de desenvolvimento infantil como parceiros. Este projeto visa criar vínculos afetivos com a leitura desde os primeiros anos de vida, promovendo o desenvolvimento de habilidades narrativas, criatividade e a apreciação de diferentes formas de literatura.



**Projeto “Cinema Decolonial”** – Este projeto é desenvolvido com alunos do Ensino Médio e Educação de Jovens e Adultos (EJA) e tem como objetivo abordar de forma crítica e reflexiva a importância da desconstrução de narrativas coloniais por meio do cinema. Com a juventude, enfatizamos a importância de compreender e analisar o impacto dessas narrativas em nossa sociedade, estimulando um pensamento crítico e um diálogo aberto sobre questões históricas e contemporâneas.

**Projeto “Literatura em Diálogo”** – um clube de leitura de textos curtos com objetivo de dialogar sobre temas da vida cotidiana com enfoque literário. Reconhecendo o valor da leitura para o crescimento pessoal e acadêmico dos estudantes, buscamos fomentar ainda mais essa prática.

## **ZumbiTECA**

A ZumbiTECA, projeto da Biblioteca Pública Municipal Prof. Nelson Foot em Jundiaí/SP, teve início em 2017 como uma iniciativa para dinamizar a programação. Focada na Consciência Negra, a Mostra Líte-ro-Musical afro-brasileira destaca escritores negros, personalidades e coletivos, visando empoderar afrodescendentes em Jundiaí. Ao longo de cinco anos, abordou temas como Carolina Maria de Jesus e a “Negritude Machadiana”, adaptando-se a formatos online em 2020 devido à pandemia. Em 2021, homenageou o escritor Lucas Menógrafa. Em 2022, explorou a Cultura Afrourbana, e em 2023, mergulhou no universo do Afrofuturismo. O projeto tem fortalecido a presença da comunidade negra na biblioteca e incentivado o interesse por temáticas raciais.

### **Projeto de leitura: Cada conto, um ponto!**

O objetivo principal do projeto é unir literatura e atividades manuais, fazendo uso de um conceito da Biblioterapia, que busca permitir um contato maior e mais próximo com as emoções. Em um esforço para reintegrar os mais idosos à biblioteca após a pandemia, o projeto é aberto para todas as pessoas interessadas com mais de 25 anos. Além disso, busca-se expandir a proposta tradicional de clube de leitura, proporcionando aprendizagem e trocas entre os participantes.

Um dos facilitadores é responsável pela curadoria das obras literárias, selecionando cuidadosamente autores brasileiros que abordam temas de acolhimento e respeito às diferenças. Enquanto isso, o outro facilitador compartilha uma variedade de técnicas manuais, cada uma alinhada ao tema da leitura do mês. Desde macramê e bordado em chita, cada técnica é uma oportunidade de expressão criativa e reflexão.

Com seu compromisso em unir arte, literatura e comunidade, o projeto “Cada Conto, um Ponto” visa transformar a biblioteca em um espaço vibrante e acolhedor, onde a criatividade floresce e as conexões entre os participantes se fortalecem.

- **Cine Clube**
- **Clube de Leitura com o Autor**
- **Seminário de Leitura e Literatura**
- **Prêmio Jundiaí de Literatura**
- **Festa Literária de Jundiaí**

- **Aulas de Xadrez para Iniciantes**
- **Lançamento de Livros**

A nova concepção da Biblioteca Professor Nelson Foot atua celebrando a cultura, o aprendizado, o debate crítico e respeitoso e, principalmente, promovendo o espírito comunitário.

**Equipe BNF**





## Iº. PRÊMIO JUNDIAÍ DE LITERATURA

É com imensa satisfação e honra, que como representante da Câmara Setorial de Literatura, integrante do Conselho Municipal de Política Cultural do Jundiáí, recebo os textos selecionados no 1o. Prêmio Jundiáí de Literatura.

Em todas as categorias os textos transpiram desejo de melhorias nas condições humanas, nas condições sociais, nos relacionamentos entre as pessoas, na igualdade de oportunidade de acesso à leitura, ao desenvolvimento pleno de pessoas e capacidades.

E mais, revelam nossa necessidade premente, como pessoas que pensamos políticas públicas de Leitura e Literatura, de nos aproximarmos mais e mais de pessoas que não têm acesso a elas, seja pela dificuldade física de transporte, dificuldade física por deficiência, distância do bairro ao centro, vergonha, falta de auto-estima, problemas familiares, de pensarmos em inclusão sem brechas.

A riqueza da escrita das crianças e adolescentes, depositando fé no poder transformador de seus corações puros, e a produção dos mais velhos, revelando a Literatura como elemento de evolução de suas almas, faz-nos crer em nosso trabalho, e no quanto ainda temos que percorrer para encurtar a distância entre o real e o possível, porque sim, acreditamos que seja possível que a Leitura, a Literatura, e a arte de um modo geral, nos permita encontrar respostas para satisfazer e fazer evoluir nossa espécie.

Gratidão a todos os participantes, porque são leitores e visionários de um mundo com mais amor e humanidade, e mais ainda, por se exprimirem pela escrita, traçando um caminho para que experimentemos suas realidades e nos tornemos mais empáticos. Que tenhamos muitos outros prêmios e concursos e possamos sempre ter essa grata surpresa de descobrir e/ou revelar novos talentos em nossa cidade.

Saibam que em nossa área, estaremos sempre para servir e fomentar a Leitura e Literatura.

Parabéns a todos os participantes. Desejo-lhes um lindo voo,

**Rosana Congílio**

Titular da Câmara Setorial de Literatura do CMPC Jundiáí

# Talento Mirim

CATEGORIA POESIA



“Afinal, se criança governasse o mundo, sabe o que ele seria? Uma bola de brincar!”  
(trecho do livro *Se Criança Governasse o Mundo* escrito por Marcelo Xavier).

Através de uma linguagem simples e divertida, o autor convida as crianças a refletirem sobre a importância de se envolver em questões sociais e o poder que têm de fazer a diferença no mundo. Além disso, as ilustrações em massinha tornam a leitura ainda mais lúdica e estimulante para os pequenos leitores.

Leia o livro para se inspirar na criação de um texto poético tentando responder a seguinte questão: **“Como seria se as crianças pudessem governar o Mundo?”**



1º Colocado

## UM MUNDO DE DIVERSÕES

Miguel Facioli Silva - 11 anos



Se o conhecimento  
É considerado tão profundo,  
Porque não permitem  
Que crianças governem o mundo?

As escolas seriam  
Um parque de diversão,  
Onde cada brinquedo  
Ensinaria uma lição.

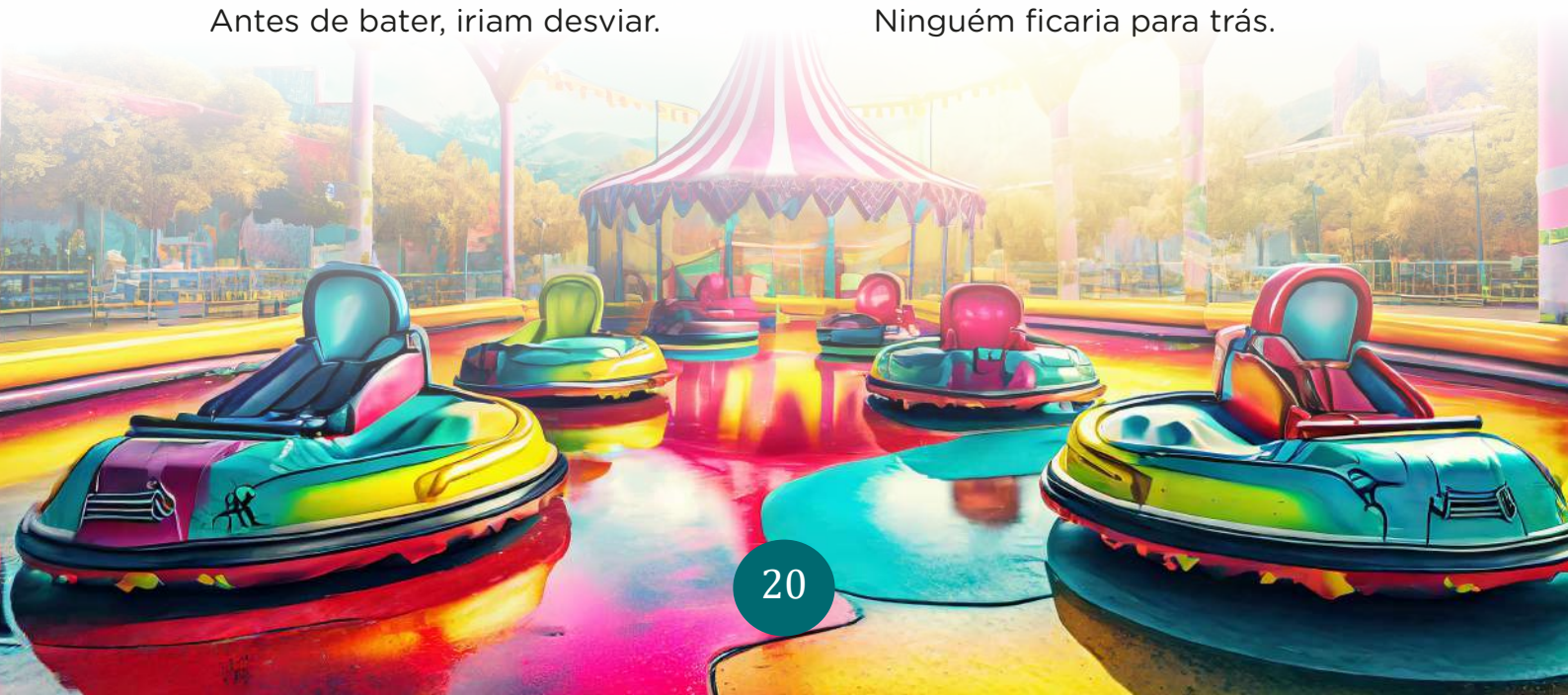
As bilheterias do parque  
Ensinariam a partilhar  
E com cada ingresso comprado  
A fome do mundo iria acabar.

O sentimento da raiva  
Aprenderiam a controlar,  
No carrinho bate-bate  
Antes de bater, iriam desviar.

Na montanha russa  
Se aprende a amizade  
E com altos e baixos  
Se encontra a felicidade.

Não haveria medo  
No castelo do terror,  
Ali se aprenderia  
A importância do amor.

Como a leveza do algodão doce  
O mundo seria de paz,  
Se a criança governasse o mundo  
Ninguém ficaria para trás.



2ª Colocada

## O MÊS DAS CRIANÇAS

Lívia de Carvalho Amaral - 12 anos



Uma criança cuidando do mundo  
Com uma imaginação sem rumo,  
Ou até mesmo sendo profundo  
Colocando tudo de volta no prumo.

Abram alas pra gente,  
Os adultos tiveram a sua vez  
O mundo pediu socorro, é urgente  
Vamos governar por um mês!

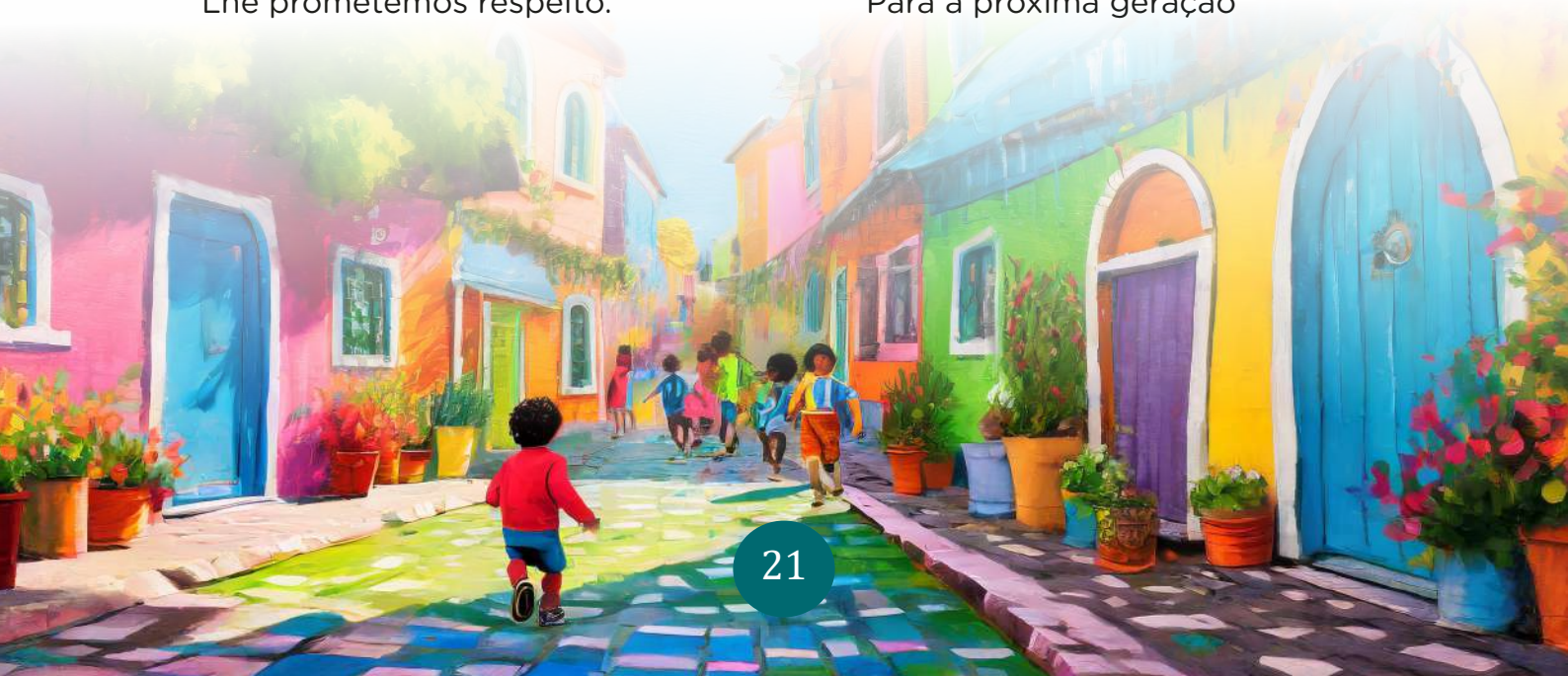
Mas como seria?  
Não haveria grosseria,  
Todo mundo agradeceria  
Isso sim é ganhar na loteria.

Mas por que isso?  
Cidadania é nosso direito!  
Com o mundo temos um compromisso,  
Lhe prometemos respeito.

Todos teriam amigos  
Com corações meigos  
Amando até os mais leigos  
Felizes em seus aconchegos.

Desse mês pra frente  
Vai ser tudo diferente,  
Uma escolha inteligente  
Só criança para presidente

Toda criança vira adulto  
Mas não criemos tumulto  
É só passar o bastão  
Para a próxima geração



**3º Colocado**

## SE CRIANÇA GOVERNASSE O MUNDO

**Mariana Lombardi - 10 anos**

---



Se criança governasse o mundo  
Teria amizade e respeito  
Seria um mundo sonhador  
Mais que mundo perfeito!

Na tirolesa, um frio na barriga  
Na escola, a educação seria priorizada  
Esse mundo não teria brigas  
E todo mundo ia se sentir amado.

A tv e o rádio só contariam histórias animadas  
Fome, nem se ouviria falar.  
Nunca mais existiriam as queimadas  
E teriam muitas bicicletas para pedalar.

Não existiria mais guerras  
Só de massinha  
E teria brincadeiras com terras  
E contariam estrelinhas.

As arvores seriam coroadas “rainhas da natureza”  
O trânsito seria organizado  
As crianças seriam uma pureza.  
E o mundo seria personalizado.

O “banco mobiliário” é o banco da cidade  
As lojas seriam de graça  
E todos teriam honestidade  
E ninguém seria sem graça.

Brigas e travessuras teriam suas sentenças  
Nenhum desenho por dois dias  
Não teria sofrença  
E as crianças ficariam arrependidas.

Ninguém ficaria sem escola  
Todos iam escrever e ler  
E de vez em quando jogar uma bola  
Mas jogar bola e queimada, é muito difícil de escolher.

Voar seria tranquilo  
Seria muita fácil fazer um castelo de areias  
Cada um teria o seu estilo  
E teriam várias sereias.

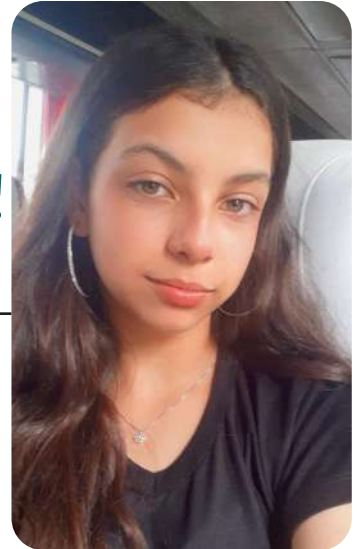
Se criança governasse o mundo  
Não teria desrespeito  
E o mundo não seria imundo  
Seria tudo perfeito!

Se criança governasse o mundo  
Não teria desrespeito  
E o mundo não seria imundo  
Seria tudo perfeito!

4ª Colocada

## SE CRIANÇA GOVERNASSE O MUNDO!

**Vitória de Freitas Poranga - 12 anos**



Governo adulto, corrupto  
Cabeças tomadas pelo poder  
Adultos e crianças morrendo  
E governantes  
Só preocupados em dinheiro ter!

Se as crianças governassem  
O que iria acontecer?  
Será que o mundo iria mudar?  
Ou somente piorar?  
Toda criança  
Com sua Inocência  
O que acontece atualmente  
Jamais iria fazer!

Matar, punir, roubar e enganar  
Coisa de um ser imaturo!  
Mas... se as crianças governassem  
Será que o mundo seria mais seguro?





Toda criança  
Com seu amor e compaixão  
Ajudaria a todos  
E não sujaria a nossa nação!  
Toda criança  
Com sua honestidade  
Não roubaria e nem enganaria  
Mas sim melhoraria  
A história da humanidade

O mundo seria mais alegre  
E cheio de cor  
Pois não teriam guerras  
E assim acabaria a dor.  
As crianças não pensariam no dinheiro  
Nas sim pensariam em ajudar!  
Pensariam onde melhorar  
E assim fariam o mundo mudar.

Uma criança poderia sim governar o mundo  
Até mais que um adulto!  
Pois além de ser honesta e verdadeira  
Tem um amor que se expressa mais de que toda maneira!!  
O mundo seria mais espontâneo  
Mais divertido.  
Mais amoroso  
E mais ativo!

Ninguém mais pensaria no poder  
Não pensariam mais em competir  
Não pensariam mais em prejudicar ninguém  
E muito menos em machucar alguém!

As leis iriam ser justa com todos,  
Sem ficar do lado de um ou de outro  
Respeitariam a opinião de cada um  
E não causariam brigas ou dano algum.

As crianças nos ensinam a ser melhores todos os dias  
Transbordando amor, sinceridade, compaixão e alegrias  
Aquilo que um dia fomos, mas quando adulto esquecemos  
Que o mundo pode ser  
muito mais do que desentendimentos

A criança ainda não conhece o egoísmo pela maldade,  
Mas preocupa-se em viver a vida  
de forma genuína e com liberdade.  
O ato de governar tornar-se-ia então  
O simples reflexo desse ser ainda em construção  
E apesar da sua “incompletude” nos mostra todos os dias  
A simplicidade da vida que esquecemos na correria.



5ª Colocada

## O MUNDO DAS CRIANÇAS

Isis Shirahama Coelho - 9 anos



Se criança governasse o mundo,  
mais sorrisos, magia e diversão no ar!  
Pega-pega, esconde-esconde, amarelinha...  
Tristeza e mau humor não teriam lugar!  
Congestionamentos, batidas e carros quebrados?  
Só na pista de carrinhos do meu irmão.  
Pessoas e bichinhos machucados?  
Água com açúcar e beijinho acalmariam o coração.  
Já pensou se não houvesse guerras? Que beleza!  
Se polícia e ladrão fosse apenas uma brincadeira?  
Se o jornal só desse notícias boas? Que surpresa!  
Esse seria o mundo das crianças, com certeza!  
Se criança governasse o mundo,  
pessoas com fome, não existiriam não!  
Comidas de massinha, tempestades de doces, chuvas de  
hambúrguer...  
Tudo perfeito, como naquele filme da televisão!  
Pessoas com frio, morando nas ruas? Nem pensar!  
Todos com um lar quentinho e aconchegante para morar.  
Solidão e abandono? Nunca mais!



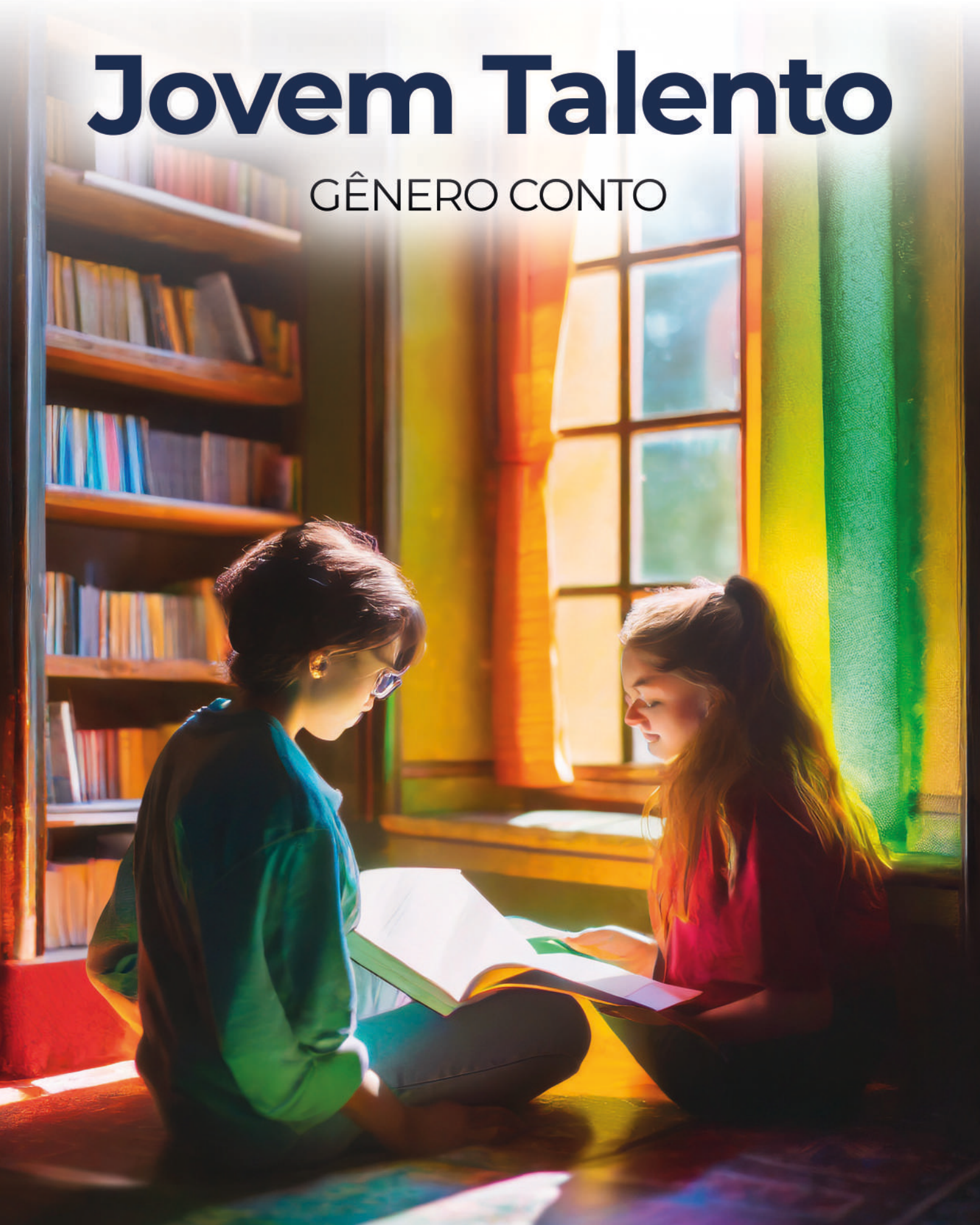
Todos com uma família unida e querida para abraçar.  
Crianças trabalhando?  
Só se fosse no mundo da imaginação!  
Brincando de professor, bombeiro, espião...  
Inventando sempre uma nova profissão!  
Se criança governasse o mundo,  
ruas só seriam descidas, vou explicar...  
Ir com carrinho de rolimã para qualquer lugar  
ou com um pedaço de papelão a deslizar.  
Todas as crianças na escola, isso seria genial!  
Educação é um direito de todos, afinal!  
Mas se o final de semana começasse na sexta-feira?  
Esse sim seria o mundo ideal!  
Ahhh....  
Que maravilha seria  
se criança governasse o mundo!



1º Prêmio Jundiá de  
**Literatura**

# Jovem Talento

GÊNERO CONTO



“Uma criança, um professor,  
um livro e uma caneta podem mudar o mundo.  
A educação é a única solução”.

(frase dita por Malala Yousafzai no discurso da  
Onu em 2013 - Recomendamos  
a leitura do livro *“Eu Sou Malala:  
A história da garota que defendeu o direito à  
educação e foi baleada pelo Talibã”*).

Essa frase ressalta a importância da educação  
na transformação da sociedade e como ela  
pode ser uma ferramenta poderosa para a  
mudança e a justiça social. Escreva um conto  
com base na frase de Malala, expressando sua  
visão crítica sobre a defesa dos direitos das  
crianças e dos adolescentes.



1ª Colocada

## O REINO DA REVOLUÇÃO

**Catarina Beteli Queiroz - 15 anos**



A princesa Elora, do antigo e longínquo Reino Ranzinza, nasceu em uma terra onde o tesouro da sabedoria era reservado aos adultos. Cada pedacinho do conhecimento produzido era trancado em um baú, e cada baú era escondido pelo casal real e seus casais súditos na prateleira mais alta de algum armário, longe das mãozinhas curiosas de seus filhos. Sempre foi assim e não havia motivo para contestação, como bem reforçava a rainha Vitória. Ela dizia: “O saber é um requinte que só cabe aos mais maduros. Deixem que aos garotinhos caibam as batalhas e o cuidado com a terra, e às garotinhas caiba o cuidado com o lar. Se, quando mais velhos, desejarem se distrair aprendendo mais sobre o mundo, assim será feito.”

Era nítido para a princesa a indiferença com que seus pais tratavam o conhecimento. Achava um atrevimento deles e dos outros adultos querer impedi-la de desbravar o desconhecido e dar asas à sua curiosidade. Vivia, então, infeliz, trancada em seu quarto, olhando através da janela e aguardando a chegada de seu aniversário de dezoito anos, quando finalmente ganharia as chaves da sabedoria, capazes de abrir qualquer baú do reino. A espera, porém, foi ficando cada vez mais tediosa e angustiante, e a falta de interesse da princesinha pelo mundo ao seu redor a fez adoecer gravemente. Suas altezas reais, Rainha Vitória e Rei Henrique, muito preocupados com sua filha, iniciaram uma busca assídua por um médico capaz de curá-la, mas a pobrezinha nem podia entender o significado de “assídua”, pois a ela era proibido o conhecimento das palavras, realização que a entristeceu ainda mais.

Conforme seu enfado aumentava, aumentava também a fila de súditos na entrada do palácio, todos almejando curar Elora e conquistar, por essa façanha, uma recompensa.

Todas as tentativas eram, porém, inúteis. A garotinha considerava irritantes e soberbos os adultos, incapazes de despertar seu interesse.

Isso porque, além de pensarem ser donos da razão, já tinham se esquecido de como cuidar das crianças, cuja única função, para eles, era trabalhar. Nunca a ensinaram a brincar, a estudar, ou qualquer coisa que a estimulasse em seu crescimento. Então, quando entrava um nobre oferecendo presentes para animá-la ou um camponês fazendo malabarismos para entretê-la, só o que fazia era murmurar, desejando pôr fim àqueles espetáculos.

Um dia, porém, chegou à fila interminável de pretensiosos alguém digno da atenção da princesa. Era Sofia, uma camponesa da sua idade que tinha um brilho no olhar nunca visto nas outras crianças do Reino Ranzinza. Ela pediu para conversar com Elora em particular, o que conseguiu, depois de algum esforço, e contou-lhe a origem daquele brilho: seus pais haviam quebrado a legislação real e entregaram à Sofia, ainda na infância, as chaves do tesouro da sabedoria. Achavam injusto esconder da filha o conhecimento que a tornaria mais forte e apta a lutar por seus ideais. Sendo assim, a pequena camponesa, quando ouviu sobre o estado de saúde da princesa, decidiu levar ao palácio alguns livros e ensiná-la tudo o que sabia, esperando dividir com ela a mesma alegria que sentiu ao aprender.

Aprender, como viria a descobrir a princesa, era uma palavra deliciosa, que lhe deu a chance de conhecer as maravilhas existentes do outro lado da janela de seu quarto, mas que também a fez entender as desigualdades e as injustiças perpetuadas pelas famílias reais naquele reino. Quanto mais lia, ouvia, brincava e se divertia com a nova amiga, mais pensava que, se tivesse esperado até os dezoito anos para mergulhar nessas informações, seu interesse teria se esvaído e, por nunca ter sido estimulada, a chama de sua curiosidade diminuiria até apagar. Como desejava que as outras crianças tivessem suas chamas alimentadas através do direito ao aprendizado...

Com o passar dos meses, alimentada pela sabedoria de Sofia, Elora decidiu confrontar seus pais, exigindo que a “educação”, conceito aprendido com a amiga, fosse permitida a todos, independentemente da idade. Seus pais, porém, de coração endurecido e um pouco invejosos por não terem recebido o mesmo privilégio em suas infâncias, desencorajaram a ideia da menina e mandaram prender a família camponesa responsável pelas besteiras que ela dizia. Essa medida só contribuiu para o sofrimento da princesa, que adoeceu de maneira ainda mais grave, seu coração doendo pela separação da amiga e pelo fim do saber que ela compartilhava.



Percebendo que seus pais não voltariam atrás e tentando se sentir melhor, Elora teve uma nova ideia: deixaria que a mudança viesse das próprias crianças, caso os adultos não estivessem dispostos a colaborar. Chamou, para esse fim, alguns guardas em que confiava e pediu que deixassem alguns jovens súditos visitá-la, o que fizeram, por compaixão. Ela passou a ensiná-los às escondidas, pedindo que espalhassem o conhecimento recebido aos outros. Tal medida trouxe novas cores ao Reino Ranzinza: os filhos deixaram de bufar pelos cantos e de sofrer com a monotonia de suas vidas, agora interessados em descobrir mais sobre o mundo, e os pais se alegravam ao vê-los conquistando um tesouro que os mais velhos há muito haviam se esquecido de valorizar.

Sentindo-se vencidos, Suas Altezas Reais finalmente abriram mão de seu orgulho e permitiram que, a partir daquele momento, visando o bem-estar do reino, as crianças fossem educadas, abandonando seus trabalhos exaustivos e passando a brincar e a aprender. Vitória e Henrique admitiram que sua forma de governar era voltada para seus próprios interesses, desconsiderando as vontades dos súditos, e se comprometeram a mudar essa realidade, começando pela libertação da família de Sofia, acompanhada de um formal pedido de desculpas. O casal real estava, acima de tudo, impressionado pela maneira como a união de livros, de crianças e de alguém que as ensinasse foi capaz de transformar seu mundo para melhor. Assim, o Reino Ranzinza tornou-se um Reino da Revolução.



2ª Colocada

## A FERRAMENTA PARA MUDANÇA

**Julia Figueiredo Cunha - 17 anos**



Em maio de 1970, o Colégio Álvaro Carmelo, não foi mais o mesmo. O relógio, agora quebrado, passaria sempre a marcar aquele fatídico horário. Eu não fui mais a mesma. E para falar a verdade, ninguém foi mais o mesmo...

Pedalando minha bicicleta em direção ao Carmen, apelido dado a escola, penso sobre qual será o assunto do dia na aula de Raul. Desde 1967, ele lecionava história, ou o que passou a ser chamado de “Educação moral e cívica”, para as classes do ensino médio. De maneira sutil aos limites estabelecidos, mas sempre estimulando o pensamento próprio e reflexões sobre a história, às vezes se referindo a algum autor ou filósofo grego, ele tinha um jeito diferente de ensinar, promovia debates quando podia e gostava de ouvir as nossas opiniões.

Um sorriso no rosto, uma desgastada maleta de couro e uma xícara de café constituíam a sua marca registrada.

Chego na escola a tempo de não ser parada pelo porteiro questionando o meu atraso e parto em direção a sala 11, passo pelo coro de vozes e entro na sala. Todos conversavam, enquanto Raul escrevia a data na lousa e percebeu minha chegada. Discretamente ele me disse:

- Bom dia Rita, já falei com outros e conversaremos no final da aula.

Cumprimentei o professor e assenti. Por fim, todos se acomodaram e Raul desejou o seu habitual bom dia à classe iniciando a aula. Não consegui prestar atenção. Às vezes eu olhava meus amigos que tinham o semblante preocupado.

Conforme mais restrições e desaparecimentos repentinos aconteciam ao longo dos anos, mais eu queria entender o porquê tudo isso acontecia e o que ocorreria no país. De alguma forma, sentia que deveria agir, ainda que não tivesse poder para fazer algo realmente importante. Em meados de 1968, eu e meus amigos mais próximos, Bárbara e Felipe, começamos a pensar e a discutir sobre o assunto à medida que o cerco

político se fechava, gerando mudanças e notícias amplamente debatidas por nossos pais, vizinhos e amigos.

Foi após um tempo que começamos a conversar com Raul, muitas vezes após o término da aula, acerca da situação vigente e do futuro. O professor ouvia calmamente, encorajava e estimulava que nós não parássemos de buscar mais conhecimento, que independentemente da situação, enxergássemos as coisas criticamente, por conta própria. Como gostávamos de ler livros dos mais variados tipos, ele também nos indicava e ocasionalmente nos emprestava exemplares e trechos traduzidos. Certos livros, por possuírem um teor filosófico, eram fornecidos com maior discrição para evitar desconfiança e possíveis delações.

Eu gostava de escrever artigos com base nesses materiais, não os publicava, mas por participar no jornal da escola, tive a oportunidade de me expressar de outras formas.

Quando a aula acabou e todos saíram, fomos até a mesa do professor, devolvemos os livros como de costume e conversamos sobre eles, aliviados por não serem más notícias.

Em um certo dia, um comentário dele me marcou:

- A história reflete o que somos, o que fizemos e acreditamos durante diversas gerações, os erros e acertos cometidos. E cabe a nós, através da educação, aprender para assim melhorar o futuro. Todos nós devemos ser livres para contar a nossa própria história. Qual será a de vocês?

Estranhamente, depois da aula, uma multidão de alunos obstruía a saída e vimos o professor sendo levado por policiais em um veículo militar. As aulas haviam sido suspensas e dois dias depois, soubemos que uma equipe do Dops tinha ido ao Carmem. Vasculharam e reviraram a escola inteira, em busca de tudo que pudesse estar conectado com Raul.

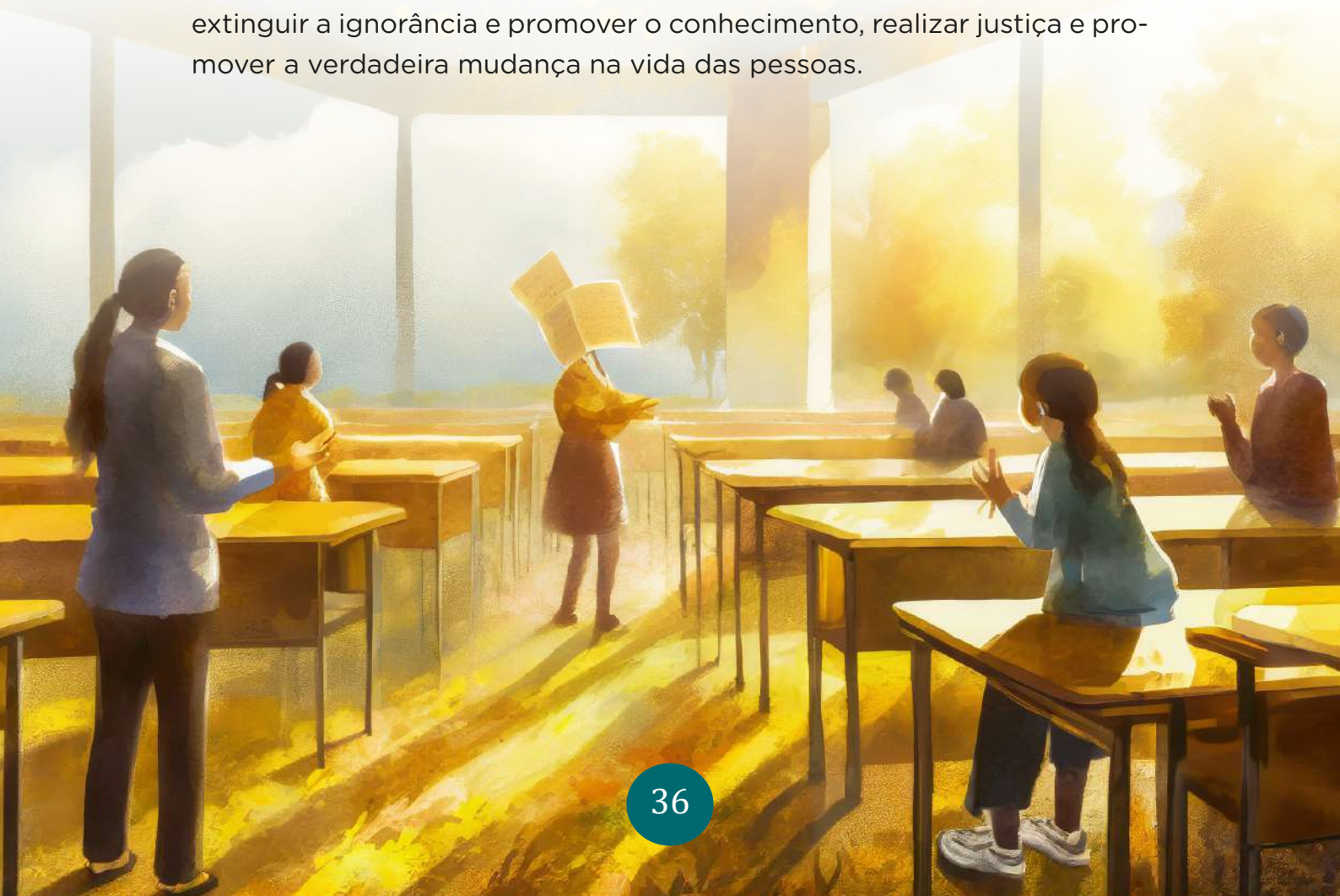
Durante dias e mais dias, professores e funcionários eram interrogados, pais conversavam entre si preocupados e nós ficávamos cada vez mais angustiados. Raul não foi mais visto. Foi dado como desaparecido e duas semanas depois foi declarado morto. Posteriormente, com o andamento das investigações, foi revelado que o professor tinha sido alvo de denúncias por aplicar “métodos não tradicionais e subversivos” no Carmem, segundo as queixas. Sigilosamente, alguns alunos se reuniram na noite posterior depois do comunicado para prestar tributo e recitar alguns textos dos autores favoritos de Raul. Era uma noite chuvosa, entretanto, o ar quente circundava a luz das velas e das lágrimas derramadas, dos abraços e da comoção.

Vejo a tarde ensolarada iluminar as árvores e as pessoas no pátio externo, enquanto sigo o costumeiro caminho que fora repetido tantas vezes, por tantos passos e emoções diferentes, até parar em frente à sala 11.

Ao longo dos anos, a situação envolvendo Raul não escapou da grande repercussão e difusão. As averiguações dos militares vigoraram por um tempo até o retorno democrático em 1985. Àquela altura, eu já havia realizado um dos meus sonhos de me formar em letras e decidi me tornar professora. Contudo, o que eu não esperava era receber a oportunidade de voltar ao Carmem, não como ex-aluna, mas agora dando aulas de língua portuguesa e literatura.

Antes da volta às aulas, um artigo em colaboração com antigos alunos foi criado, relatando os efeitos e a ajuda fornecida pelo professor em suas trajetórias. Muitos obtiveram aprovação nos vestibulares, experiências em intercâmbios e outras conquistas devido ao esforço do professor, que nunca desistiu de ensinar, escutar e resistir por mais difíceis que fossem as condições. O seu legado era intrínseco à educação, da qual ele sempre atribuiu os seus méritos e defendeu até o fim.

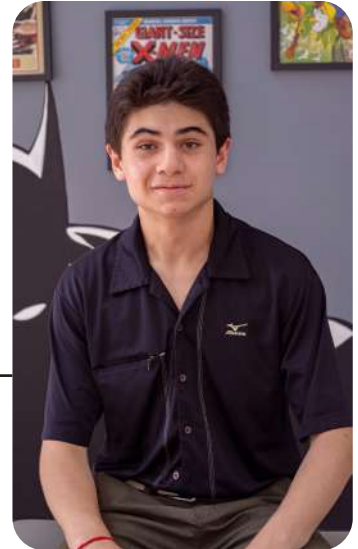
Assim como tinha vivenciado tudo aquilo, eu queria transmitir o mesmo amor pela educação, pois depois de tudo o que vivi, conclui que não existe ferramenta mais poderosa, capaz de instaurar a liberdade, extinguir a ignorância e promover o conhecimento, realizar justiça e promover a verdadeira mudança na vida das pessoas.



3ª Colocado

## CONHECIMENTO ERRANTE

Arthur Orlandi - 14 anos



No início do amanhecer, de um formoso apartamento, saiu um homem, com uma maleta e uma roupa casual, mas não desleixada, seu nome era Luís. Percorrendo uma pequena caminhada ele chegou em uma escola, após cumprimentar todos os funcionários, o homem vestiu um jaleco e entrou em uma sala de aula, era um conhecido professor. Esse não era um dia qualquer, seria o último dia de aula antes de um longo recesso na escola, em meio a despedidas tristes, o professor saiu da escola e se dirigiu a seu apartamento, o céu transitava de laranja para azul-escuro, mas Luís não estava cansado, embora demonstrasse indiferença, estava empolgado planejara uma viagem para a África nesse recesso.

Entrou no apartamento, ligou a televisão e sentou no sofá, depois de um pequeno repouso, ele foi tomar banho. Quadros e esculturas tornavam vívido o ambiente alaranjado do apartamento. Quando ele saiu, sentou no sofá e começou a pensar na viagem, iria para um pequeno país da África, com muita história e lindas paisagens, mas uma história de recentes guerras e muita miséria. Os detalhes da viagem estavam acertados e o professor estava apenas verificando os diversos locais conhecidos no país, mas sua busca foi interrompida pela televisão, passava uma notícia sobre o mesmo país onde planejara ir.

Vilarejos, distantes das grandes cidades, sem recursos e secos. O noticiário relatava a miséria enfrentada pelas pessoas de vários vilarejos, casas caindo aos pedaços, ruas de terra, clima extremamente seco e falta de água extrema, mas as imagens mais chocantes eram as pessoas, fracas, magras, tristes e sem acesso algum a serviços de saúde e educação, pedindo por ajuda.

O professor sabia da situação e sabia que não havia muito que poderia fazer para ajudar, mas vendo a situação no país onde iria viajar e passar um bom tempo, ele sentiu algo diferente, sentiu uma compaixão

mais forte, sentiu uma vontade incontrolável de ajudar. Restavam-lhe alguns dias para a viagem e ele resolveu usar esse tempo para pensar em algo que poderia fazer enquanto estivesse lá.

Embora estivesse cansado, o professor demorou para dormir, deitado em sua cama, pensou e anotou diversas ideias antes de finalmente adormecer. Ao acordar, a primeira coisa que fez foi olhar sentar em uma cadeira e analisar suas anotações, percebeu que, como estava cansado, anotou ideias completamente absurdas e impossíveis, mas teve uma ideia boa, ir para um vilarejo necessitado e agir como um professor para as pessoas, ensinando o básico que eles não possuíam. Mas como faria isso? Não falava a língua local e não havia escolas. Perturbado por esses obstáculos o professor pensou em maneiras de resolvê-los, mas chegou a uma resposta inesperada, buscar contato de uma organização que ajudava o país. Achou uma organização conhecida e conseguiu contato com um diretor, ele gostou muito da iniciativa do professor e afirmou que conseguiria um voluntário para ser um intérprete durante as aulas.

Luís comprou diversos materiais escolares, preparou várias aulas sobre diversos temas e partiu para sua viagem. Ao chegar, ele foi para o hotel que havia planejado ficar, fez o check-in e se dirigiu para a vila próxima. Ele achou que estava preparado para o que veria lá, mas estava enganado, quando chegou, conseguia ver toda a vila e toda sua miséria. Ruas de terra alaranjada completamente secas, casas rudimentares caindo aos pedaços, pessoas cansadas e com aparência desnutrida carregando objetos pesados e mal conseguindo andar.

Ele congelou, ficou extasiado com a situação das pessoas, rapidamente se recuperou e foi encontrar as pessoas da organização. Con-



seguiu achar a equipe e se apresentou para todos e conheceu quem viria a se tornar seu intérprete oficial, seu nome era José, rapaz jovem e simpático. Começaram a andar pela vila procurando um lugar adequado para usarem de escola, mas depois de andarem a vila toda, não acharam nada.

Frustrados, sentaram-se em um campo e começaram a observar algumas crianças brincando, mesmo sem nada.

Inesperadamente, uma criança veio conversar com eles, era um pequeno menino chamado Adebem Ekoko. Muito perspicaz, a criança percebeu seus olhares tristes e foi consolá-los.

A bondade da criança inspirou os homens. Então o professor perguntou “Onde você mais aprende?”, inesperadamente, o garoto apontou para um terreno plano com mato alto. Logo eles tiveram uma ideia, conversaram com o garoto e seus amigos e resolveram pedir ajuda deles para prepararem o terreno para ensinarem ali mesmo, a céu aberto.

Eles aceitaram a ideia e começaram a mexer no terreno, com ferramentas rústicas e as próprias mãos, depois de vários dias, eles removeram o mato e prepararam a terra, que estava muito seca. No dia seguinte o professor começou a ensinar as crianças tudo que podia. Em poucos dias, as canetas, os cadernos, os papéis e os lápis acabaram, mas o ensino estava implacável. No sol, no calor e no seco o aprendizado continuou, ele comprava comida e água e melhorou muito a condição na vila. Muitas semanas passaram e o professor criou fortes relações com as crianças e o intérprete.

Tudo que é bom, acaba. Faltavam poucos dias para o professor voltar para casa, se despediram, tristes, mas no fundo, felizes com o aprendizado. Crianças aprenderam a ler e escrever. Mas o professor não conseguia, tinha que continuar, lembrou que a criança que consolou ele e o intérprete era órfã e estava em condições muito ruins, o intérprete sugeriu algo brilhante, levar a criança para casa, cuidar dela como um filho, era uma criança pequena com aproximadamente 8 anos. O professor não tinha família e viu essa oportunidade como algo imperdível. Preencheu o que podia de papelada no país e conseguiu comprar uma passagem a mais.

Voou com a criança e deu a ela um novo lar, conseguiu colocar ela na escola onde trabalhava e passou a criá-la como um filho. Não muito tempo depois ele se tornou medalhista e campeão de várias competições, levando na vida a gratidão.

4ª Colocado

## TODOS OS CRÉDITOS PRAQUELE IMBECIL

**Bruno dos Santos Catarin - 18 anos**



Na jornada do herói — você já deve ter ouvido falar —, uma das primeiras etapas é o encontro com o mentor. Ele é um peça muito importante pra evolução do protagonista, dá umas lições legais e tal, mas a questão é: ele ainda é só uma peça. E era assim que eu via as coisas na minha adolescência, no auge do meu complexo de estrelinha, acreditando ser o protagonista do mundo, o futuro grande roteirista de Hollywood. Pra mim, todo mundo que eu conhecia ia ficar lembrado na história, se ficasse, dessa forma mesmo; alguém que eu conheci — quem sabe numa nota de rodapé em alguma biografia minha. E com professores não era diferente, eram só mais uns coadjuvantes que iam cumprir seu papel na trama e sair de cena.

Mas é claro que eu tinha que ter meu arco de personagem e mudar a minha visão de mundo.

Foi quando eu tinha uns quinze anos, comecei do ensino médio e primeiros sinais de desespero pro vestibular. E, no meio daquele monte de professores que brotam na primeira semana, um deles me chamou atenção — de forma negativa. O nome do cara era Dário, e a matéria era matemática. Claro que, por conta disso, eu já devo ter ido na má vontade — já ouviu falar em algum cineasta de exatas que não fosse o Christopher Nolan? —, mas o cara também não ajudava; tinha uma voz arrastada, uma cara de morto e, mesmo falando devagar, conseguia dar a matéria rápido demais.

Enfim, numa primeira vista, ele se destacou um pouco mais, mas logo virou só mais um e minha vida foi seguindo como sempre. Pelo menos até a metade do ano.

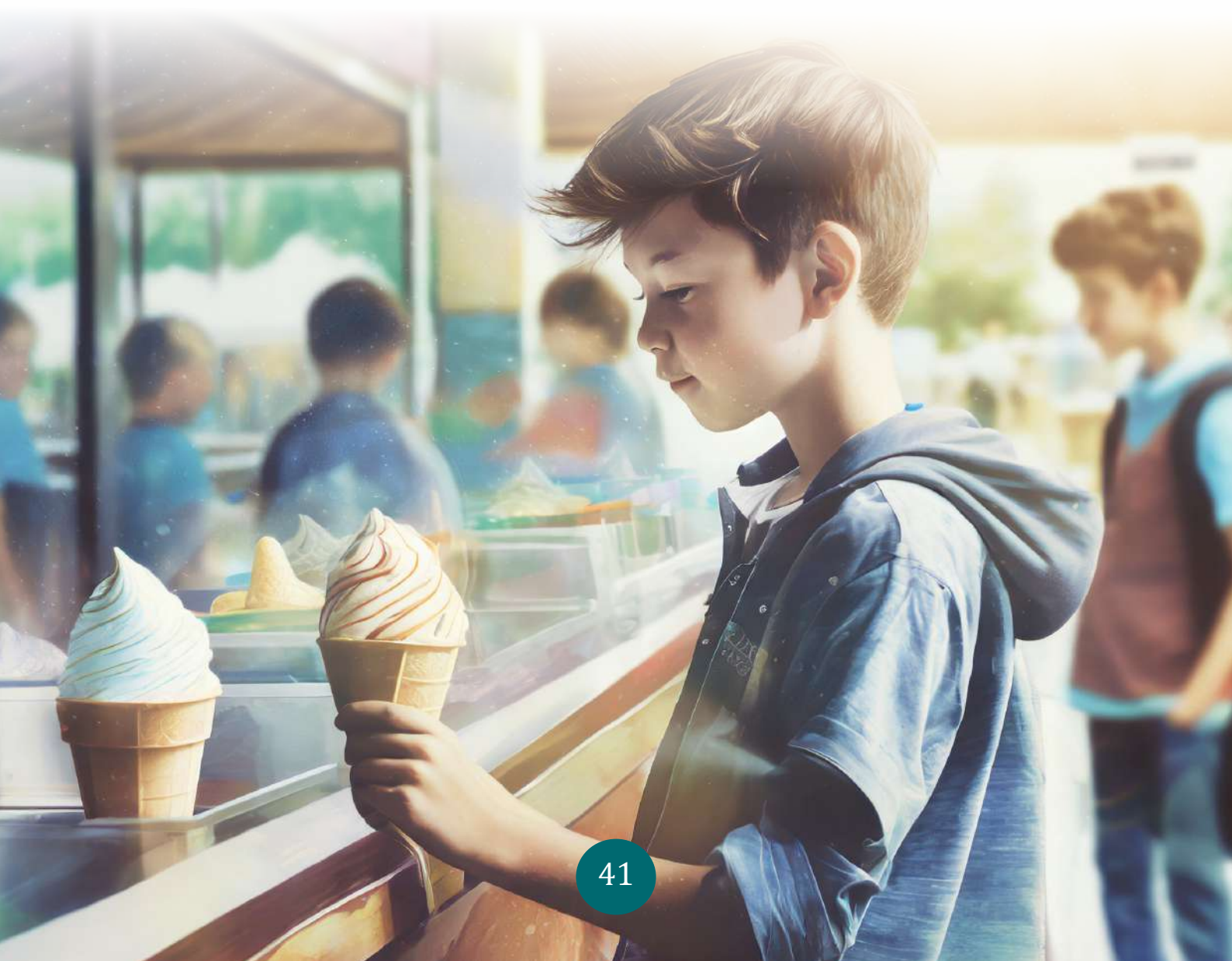
Quando eu falei de arco de personagem, você deve ter imaginado algum acontecimento marcante na minha vida, com grandes interações e diálogos marcantes. Desculpa por isso, mas vou ser meio anticlimático.



Até porque nunca cheguei a sequer ter uma conversa muito longa com o Dário.

A coisa toda começou em algum dia quente. Eu estava no intervalo da aula com uns amigos, e estava com calor. Como tinha uns trocados no bolso, fui na cantina comprar um geladinho. Cheguei lá e a fila estava enorme como sempre. Mas eu não ia desistir, se só chegasse a minha vez faltando um minuto pra acabar o intervalo, eu secava aquela porcaria em cinquenta e cinco segundos. Estava realmente calor. Meus amigos não quiseram esperar na fila comigo e me dar apoio moral, então eu fiquei sozinho naquela multidão, o que deve ter ajudado nos delírios que eu comecei a ter logo em seguida.

Em algum momento, espiei lá na frente pra ver como é que estavam as coisas, e vi de longe o Dário, comprando um enroladinho de salsicha. Minha primeira reação foi a indignação que sempre se tem quando você lembra que um professor pode passar na sua frente na fila da cantina. Mas depois, também reparei num punhado de papel que ele estava levando embaixo do braço. Eram provas.



Era bastante prova, eu pensei. E ainda devia ter mais. Quer dizer, pra quantas salas ele dava aula, né? Por um momento me pareceu até desumano. Ele era uma pessoa como qualquer outra, até comia enroladinho de salsicha, mas era submetido àquele trabalho torturante de tentar entender garranchos e ter que ver imbecis errarem algo que ele já tinha explicado umas trinta vezes. E ainda ganhava uma miséria! Não valia a pena de jeito nenhum. Ou valia? Mas por que valeria? Se esforçando igual um condenado pra no final só salvar um ou dois alunos. Talvez fosse esses um ou dois que valessem a pena. Talvez fossem eles os heróis da vida dele, que o aceitariam como o mentor. Ou talvez ele fosse o herói da própria vida. Talvez Joseph Campbell tivesse esquecido de uma etapa muito importante da jornada de um herói, que é se tornar o mentor de alguém e, aí sim, perpetuar o ciclo. E talvez eu estivesse pensando demais.

A minha consciência foi afundando nessa espiral e eu não lembro direito o que aconteceu depois. Acho que não consegui comprar o geladinho. Mas o que importa é que isso ficou na minha cabeça. Por muito tempo. Ser o mentor. Talvez não fosse tão ruim. A palavra “talvez” deve ter se repetido muito aqui, e pode indicar incerteza da minha parte. Mas acho que ela indica mais a irracionalidade do que eu estou prestes a fazer. Apesar de toda a minha reflexão na fila da cantina, minhas escolhas a partir dali foram pautadas principalmente por emoção.

Bom, de qualquer forma, a escolha foi feita, e amanhã dou aula de português pra minha primeira turma. Me deseje sorte...

Enfim, dando certo ou dando errado, agradeça ao Dário. Dou todos os créditos praquele imbecil.

5ª Colocada

## O REFÚGIO EM MEIO AO CAOS

Giovana Lopes Farias - 13 anos



Eu estava deitada na minha cama, com o edredom enrolado ao meu redor, tentando me abrigar do som da tempestade lá fora. A chuva batia forte na janela, quase abafando o tumulto que vinha da sala de estar. A briga dos meus pais. Os gritos, altos e cheios de raiva, ecoavam pela casa, e eu segurava meu ursinho de pelúcia com força, como se isso pudesse me proteger do caos emocional que se desenrolava naquela noite. Eu não entendia completamente o motivo daquelas brigas, mas a tensão no ar era sufocante.

Queria um refúgio, algo que me fizesse sentir melhor. Mesmo sabendo que já faz um tempo que não sei como é estar bem. Gostava de brincar no parquinho, mas minha mãe esteve tão atordoada durante esses dias, que não queria me deixar sair de casa.

Já era de manhã e eu não queria me levantar, eu estava muito cansada, mal dormi a noite. Até que escuto minha mãe bater na porta:

- Pode entrar!
- Oi filha, é melhor eu te arrumar, tenho que te levar para escola.

Minha mãe me ajudou, arrumou o meu cabelo, meu uniforme e meus materiais. Ela conversava comigo enquanto isso, como se nada tivesse acontecido ontem à noite.

E então entramos no carro, e fomos até a escola. Minha mãe me deixou na porta e se despediu:

- Tchau filha, aproveite o dia, sei que você vai adorar! - Diz minha mãe com um sorriso tímido no rosto.
- Tchau mãe! - Digo tentando não mostrar que estou nervosa.

Ando pela escola, analisando cada lugar, e é inevitável não perceber a quantidade de gente. Antes que eu me perca em meus pensamentos, escuto uma mulher dizer:

- Olá! Qual é o seu nome?

- Oi, sou a Stella.

Logo depois que digo meu nome ela procura em sua folha.

- A sua sala é a número 5. Vou te acompanhar, alguns de seus colegas já estão lá.

Assim que entro na sala, sou tomada por um sentimento inesperado. Achei que ficaria nervosa, mas tudo me deixa tranquila.

A professora entra na sala, e faz uma dinâmica de cada um se apresentar. À medida que as apresentações se desenrolaram, percebi como cada um é único, mas todos compartilhavam o desejo de aprender e crescer.

Começamos a aula, a professora nos apresentou um mundo que eu jamais tinha visto, um mundo de números, palavras, histórias e oportunidades. A cada atividade feita, eu sentia que estava me distanciando das brigas dos meus pais. A escola se tornou um refúgio, um lugar onde eu podia me perder nas páginas dos livros e nas amizades que eu estava construindo.

Voltei para casa, encantada com tudo que vivi hoje. Porém esse encanto foi sumindo aos poucos, quando me vejo novamente sufocada, chorando e procurando uma saída, enquanto ouvia, do meu quarto, a briga dos meus pais.

O meu relógio mostra 01:46 da manhã, quando finalmente a briga acabou. Me encontro no meu quarto, deitada na cama, com o coração ainda acelerado. Depois de um tempo, quando as lágrimas secaram do meu rosto, consigo sentir a exaustão tomar conta de mim. Com o passar das horas, o cansaço me dominou e, finalmente, encontrei refúgio no meu sono.

Quando acordei, fui para sala, na esperança de encontrar minha mãe. Mas quando cheguei na sala, percebi que ela não estava lá. Minha mãe ainda está dormindo, acredito que a briga de ontem deixou ela muito cansada. Mas o que eu posso fazer? Preciso ir para escola, então, preciso acordá-la. Vou até o quarto onde minha mãe está, e digo:

- Mãe, acorda.

Minha mãe abre os olhos, assustada.

- O que houve?

- Preciso ir para escola.

- Hoje não dá.

- Mas mãe...
- Já disse, hoje não dá.

Volto para o meu quarto atordoada. Penso no que posso fazer. Nada. Não posso fazer nada. Mas posso esperar até amanhã e torcer para que ela não diga a mesma coisa que disse hoje.

O dia passou rápido, porque tive que terminar os deveres de casa que a professora me passou ontem. Até que chega à noite, e meu pai chega do trabalho, e como todos os dias, a briga recomeça.

O dia amanhece e vou pedir para minha mãe me levar à escola. E o que eu esperava, aconteceu.

Ela recusou. Perco todas as esperanças. Acho que nunca mais vou conseguir ir à escola. Lá é um lugar incrível, mas não é qualquer pessoa que pode frequentar. Pelo menos eu não.

Dias se passaram e as brigas, as frustrações e as tensões só aumentaram, e as esperanças de um dia voltar para a escola, só diminuíram.



De repente, algo de diferente aconteceu. Acordo com o som da campainha. Meus pais foram atender a porta, e por sorte, meu quarto é próximo da sala e consigo escutar a conversa.

É o conselho tutelar. Eles estão ali por causa das minhas faltas consecutivas na escola. Eu me sinto envergonhada e culpada, como se fosse minha culpa que eles estivessem aqui. Mas à medida que a conversa continuava, algo surpreendente aconteceu. Meus pais, talvez influenciados pelo olhar crítico da intervenção do Conselho Tutelar, concordaram que eu deveria voltar para escola. Meu mundo coloriu de novo.

Como forma de refúgio e de esperança de mudar de vida, me dediquei aos estudos. Anos se passaram e com muita luta, persistência e apoio da escola e dos meus professores, eu segui em frente, e hoje, graças a eles e os direitos da criança e do adolescente, que mudaram a percepção do meus pais em relação a educação, hoje, estou aqui... na minha formatura!

- Agora, Stella Oliveira, vai fazer seu discurso - Diz o orador da formatura.

- Às vezes, a vida nos coloca em situações difíceis, onde parece que não há saída. Eu, uma vez, fui uma dessas pessoas. A escola se tornou muito mais do que um lugar para aprender conteúdo. Era um lugar onde eu encontrava paz, amizades e mentores que acreditavam em mim. Foi onde descobri minhas paixões e talentos, e comecei a me dedicar a eles com todo o meu coração. Com o tempo, aprendi que a vida é cheia de altos e baixos, e que não podemos controlar as ações dos outros, mas podemos escolher como reagimos a elas. A escola me deu ferramentas para construir meu próprio caminho!

1º Prêmio Jundiá de  
**Literatura**

# Adulto

GÊNERO CRÔNICA



“Um país se faz com homens e livros”.

(frase do escritor e poeta Monteiro Lobato).

Esta frase pode ser interpretada como uma defesa dos direitos da criança e do adolescente, uma vez que a educação e o acesso aos livros são fundamentais para o desenvolvimento desses direitos e para a formação de cidadãos críticos e conscientes. Escreva uma crônica inspirada na frase de Monteiro Lobato, onde seja possível refletir sobre a promoção da leitura para a construção de uma sociedade pacífica e de direitos constituídos.





1º Colocado

## ENTRE O CACHORRO E O MENINO HAVIA UM LIVRO

**Cássio Jardim Nogueira Cobra**



Esta manhã subi o barranco do Bela Vista, desviei do cachorro preto deitado no meio do que dificilmente pode-se chamar de rua e parei num beco ao lado da “casa” indicada. A vista do topo do morro, ao leste, de fato é bela. A cidade se estendia até o conjunto de serras no horizonte, bastante plana e arborizada, era possível contar suas ruas, como uma típica cidade planejada, de colonização inglesa.

Em contraste, do outro lado, construções precárias, inacabadas, amontoadas e indistintas do lixo acumulado nos canteiros. Naturalmente os transeuntes e moradores torciam o nariz e fechavam a cara ao ver o crachá balançando no meu pescoço com o símbolo do tribunal de justiça. Ao fundo, na outra esquina, alguns jovens ostentando correntes brilhantes e óculos coloridos tragavam seus cigarros tranquilamente.

Nesse momento, outro cachorro, caramelo de pelo ralo, se dirigiu a mim latindo e recuando, sem intenção de avançar ou morder, tal como presumi pelo seu rabo balançando. Alcancei as escadas de concreto sujo que davam ao pequeno portão enferrujado, corroído e torto, e li o número rabiscado ao lado, “135”. Conferi rapidamente o ofício que segurava com a mão esquerda, passando os olhos sobre o endereço em negrito no meio da folha. Mais uma das incontáveis intimações que haveria de revelar àquela parte que o juiz a havia mandado citar, para sua surpresa, revolta, ou confusão, seja lá qual for seu polo no processo ou a natureza da ação.

Bati três vezes no portão, fazendo ecoar o som metálico do latão pela rua. O cachorro latiu mais alto. De dentro daqueles muros baixos, escutei uma voz de mulher repreendendo o vira-lata guardião que denunciou minha presença. Logo que abriu, surgiram dois meninos descalços, o primeiro devia ter pouco mais de um ano, agarrado na calça da mulher que provavelmente gritou com o cachorro, e outro, talvez tivesse 7 anos, me saudou imediatamente, estava sem camiseta e com um short azul manchado.

Finalmente, a corpulenta negra, de aspecto cansado, mas feições jovens apresentou-se como a dona do lar e mãe dos meninos que a acompanharam, além de mais 4 filhos e dois netos. Devia ter 30 e poucos anos e atendia pelo nome de Maria Lúcia. Seu sobrenome completo estava registrado no topo da folha e logo abaixo, o conteúdo da intimação que lhe daria a conhecer e pedir que exarasse sua assinatura. O menino maior, ofereceu-me para entrar e respondia as perguntas que eu fazia junto com a mãe, com maior segurança que esta.

Para minha surpresa, ele pediu para ler o papel que eu trazia, atestando que sua mãe não sabia ler, e ele precisava cientificar-se da situação para ajudar sua família. Admirei-me da maturidade do moleque e entreguei-lhe a cópia do mandado. Depois de alguns instantes, com muita seriedade, ele comunicou a mãe que poderia perder a guarda de dois de seus filhos, por conta de um processo movido pelo pai deles. Um dos ex-companheiros da jovem mãe, que certamente objetivava ser exonerado do dever de pensão, pensei.

Expliquei na sequência que deveria procurar a OAB para constituir um advogado que lhe representasse nos autos. Visivelmente revoltada e confusa começou a resmungar não sei se comigo, com uma figura imaginária ou com o próprio filho que lhe dera a desconfortável notícia. Para descontrair um pouco, falei que o menino parecia ser muito inteligente e perguntei a ele qual série frequentava. Prontamente respondeu que cursar o 5º ano de uma escola municipal nas proximidades, no período da tarde. Ainda me dirigindo ao garoto, questionei se era um bom aluno, embora já imaginasse a resposta. Afirmou que era um dos melhores de sua sala, mas logo foi interrompido pela mãe, pedindo-lhe que deixasse de me incomodar.

Tornei a elogiar a postura e habilidade de leitura do rapazinho, enquanto retirava do bolso minha caneta para que a mulher assinasse e entreguei em suas mãos cordialmente. Sem dizer nada, ela entrou no estreito corredor com a caneta e o mandado, deixando os dois meninos a sós comigo, debaixo do sol de quase meio dia. O mais velho, orgulhoso de seu feito, encarava-me fixamente como se esperasse receber mais elogios, com seus olhos brilhantes cheios de remela. Prossegui àquela atípica conversa perguntando se ele gostava de ler. Sua expressão rapidamente mudou, embora assentisse, confessou com tristeza que sua mãe preferia que ajudasse seus irmãos a vigiar carro do que apresentasse seu boletim escolar com notas exemplares.

Comovi-me com essa revelação, mas senti-me impotente diante da dura realidade daquela família e da frustração legítima do pequeno ci-

dadão à minha frente. Ouvi passos de chinelo estalando pelo corredor e antes de despontar no umbral a figura da mulher, intimei o garoto por minha conta, que não deixasse de ler, por mais desencorajado que fosse. Assegurei-lhe que a base para transformar a realidade está no conhecimento que vem dos livros, e se quisesse ajudar a si mesmo e a sua família, não deveria abandoná-los. Ele recebeu silenciosamente minha orientação e pareceu reconhecer alguma verdade nessas palavras.

Finalmente, a mãe retornou com o mandado assinado, uma rubrica bastante rudimentar e ilegível, mas suficiente para o judiciário. Agradei como de praxe e despedi-me, porém antes de retornar ao carro, vasculhei minha bolsa e encontrei uma cópia do Estatuto da Criança e Adolescente que trazia comigo. Evidentemente não era uma edição atual, e estava bastante gasta, mas entreguei mesmo assim ao garoto, que muito contente, agradeceu e agarrou o livro com uma mão, acenando com a outra.

De volta ao beco onde estava estacionado meu Uno, lancei um último olhar para o horizonte ofuscado pela fumaça que subia daqueles minúsculos cubos de cimento, cheio de mãos solo, crianças descalças e sonhos soterrados. No celular, avisto uma notificação anunciando uma nutricionista para cachorros.



**2º Colocado**

## ALVENARIA DA VIDA

**Adriano Carlos Moura**



Não entendi, inicialmente, por que a menina pulava, ria e chorava ao mesmo tempo, no momento em que eu anunciei que o nome dela tinha sido sorteado.

Nem a professora da turma, nem seus colegas de sala compreenderam o que acontecera. Era uma alegria incontida, incomum, insólita. Depois veio em minha direção e me abraçou. Correspondi o abraço um pouco constrangido, pois costumo fazer o sorteio em todos os lugares para os quais sou convidado, porém nunca presenciara reação como aquela.

“É a primeira vez que tenho um livro só meu”, disse-me a menina com os olhos marejados. Sentei-me ao lado dela e ajudei a desembalar o objeto do plástico que o protegia como uma armadura. Autografei o exemplar e lhe entreguei depois de posarmos para uma foto tirada pela professora para seu relatório ou Instagram. Fui então para casa sem conseguir tirar aquela imagem pintada com lágrimas e riso adolescente.

Lembro-me de que, quando criança, um dos momentos mais esperados por mim era o início do ano letivo, não pelas aulas propriamente, mas pela expectativa da compra do material escolar para o qual nem sempre minha mãe tinha dinheiro. Os livros eram os mais caros. Na época ainda não havia programas do governo de distribuição de livros didáticos gratuitamente, portanto tudo era comprado. Esperava ansioso minha mãe chegar com o material. Eu então pegava o livro, folha de papel pardo, cola e durex, sentava-me na sala e começar a proteger meu bravo cavaleiro com sua armadura: a capa, que o livraria das sujeiras e rabiscos de minhas mãos, ou de ser manchado acidentalmente pelo derramamento de tinta, numa espécie de desastre quase ecológico que destruiria aquela floresta de sonhos.

Houve um ano em que nossa situação financeira ficou bem difícil, pois meu pai havia morrido. Só o dinheiro que minha mãe ganhava com lavagem de roupa não era suficiente nem mesmo para as despesas da

casa. Eu completara oito anos e iria cursar a segunda série. O dinheiro não daria para comprar todo o material escolar, então ela pegou os livros de que eu precisava emprestados com a vizinha, cujo filho estava numa série um ano avançado em relação a mim. Ela se sentou comigo explicando a situação. Eu deveria pegar uma borracha e apagar tudo o que o outro menino tinha escrito nas páginas: anotações, respostas de exercícios, desenhos; a fim de que o livro ficasse novinho, mas não ficaria. As páginas escritas não eram atravessadas somente pela caligrafia do outro garoto, mas por seu cheiro, suas memórias, suas digitais. Aquele livro não era meu.

Quando tive de escrever nele pela primeira vez e olhei minha letra sobre a sombra dos escritos apagados, tive a impressão de estar diante de um documento antigo, espécie de papiro, palimpsesto. Aos poucos fui perdendo o prazer em estudar, principalmente quando um de meus colegas percebeu meu livro usado e espalhou para todos da turma que eu estudava com um livro velho. Quando se é criança, a perversidade disfarçada de brincadeira das outras crianças nos deixa envergonhados e inseguros.

Passei a me sentar no fundo da sala, para que ninguém testemunhasse de perto minha vergonha de não ter um livro novo que fosse meu. No final do ano, teria o trabalho de apagar tudo que escrevi para devolver o objeto ao seu verdadeiro dono. A mãe dele disse que queria o livro de volta, porque poderia servir para a filha menor quando tivesse na idade de cursar a segunda série, caso a professora pedisse o mesmo título.

Com o tempo, fui abatido por grande desânimo para continuar a estudar, e a professora percebeu. Chamou minha mãe para saber o que poderia estar acontecendo, por que meu comportamento mudara. No ano anterior eu era um dos melhores alunos da turma, o mais animado e inteligente a ponto de ela corrigir os exercícios lendo minhas repostas como gabarito. Minha mãe contou-lhe da nossa situação, as dificuldades depois da morte de meu pai e que eu não me conformava por ter de estudar com livros velhos.

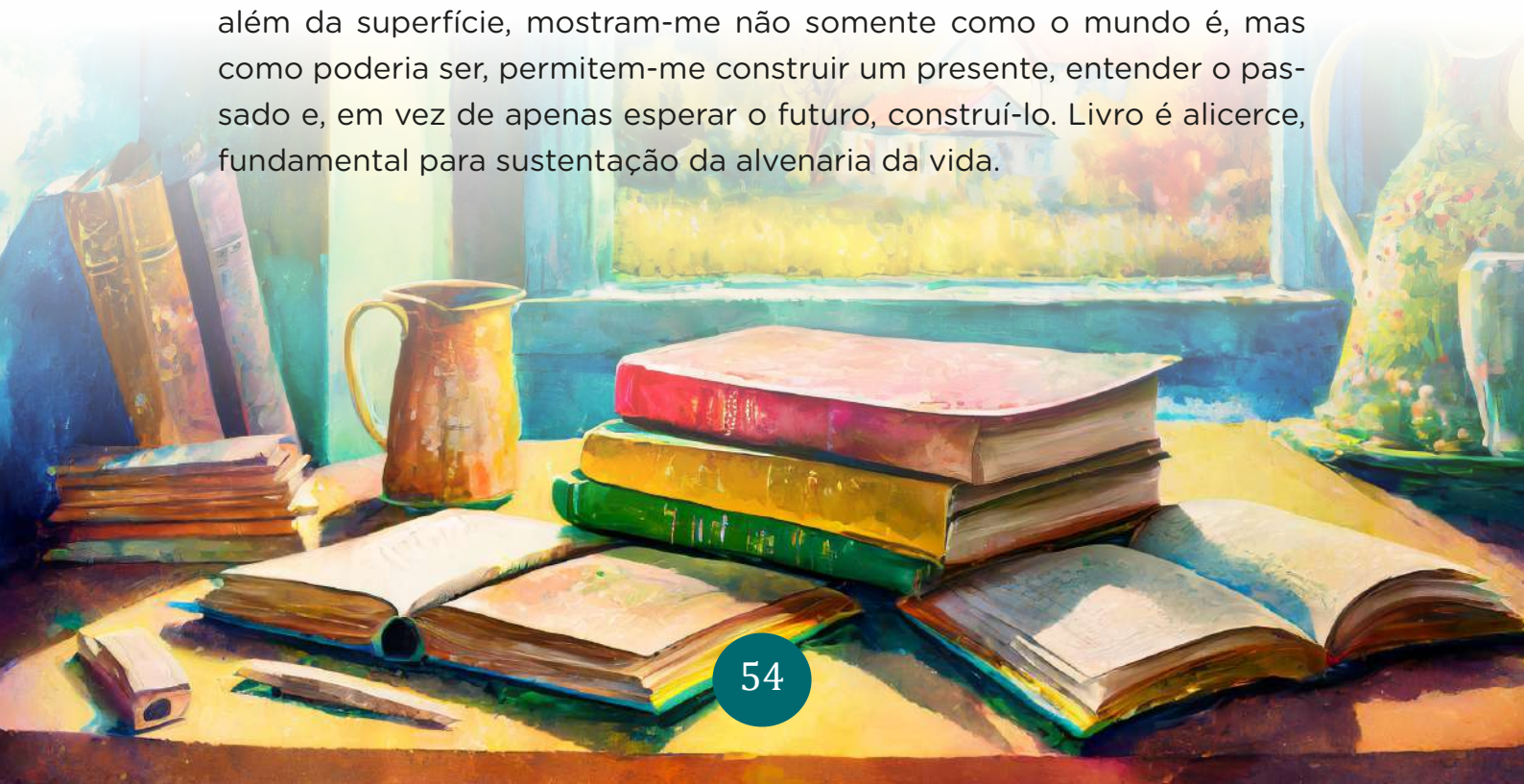
A professora de português, Aparecida o nome dela, disse que queria conversar comigo. Pediu para que eu permanecesse na sala na hora do intervalo. Durante os vinte minutos em que estivemos juntos, ela me contou que também fora muito pobre e que sempre estudou com livros emprestados ou usados, até mesmo depois de adulta, quando fez faculdade de Letras. Falou que livro não é apenas o objeto, mas também o que ele comporta, carrega, livro é principalmente o conteúdo. Não de-

vemos descartar as coisas velhas e usadas, se ainda nos ensinarem algo, se pudermos estabelecer com elas uma relação de afeto. Assim deve ser com os livros, mas também com as pessoas que, embora pareçam cansadas com o passar do tempo, trazem consigo ensinamentos necessários ao presente.

Ela hoje tem muitos livros novos, comprados no frescor das prateleiras das livrarias, porém não deixa de frequentar sebos, onde sempre encontra livros antigos, usados, manchados, com cheiro de guardado, ou até mesmo traças. No entanto, se percebe no objeto a possibilidade de adentrar mundos desconhecidos, leva-o para casa, limpa, restaura, perfuma, protege, dá a ele um lar no marrom de sua estante de madeira.

Quando acabou o intervalo percebi que não havia lanchado, mas nem mesmo fome senti. Abri meu livro e olhei-o de um modo diferente. Parecia-me novinho em folhas nas quais escrevia como se traçasse naquelas páginas as rotas do meu futuro. Senti-me com a mesma alegria da menina a quem dei um exemplar do livro que escrevi. Apesar de já ter sido de outro, naquele momento, o livro era só meu. Senti-me feliz ainda por saber que no ano seguinte, em vez de ir para uma caixa, gaveta ou estante, iria para os braços de uma outra criança que apagaria, assim como eu, os rastros do dono anterior, para escrever em seguida novas respostas para os exercícios da aula e da vida.

Estudei muitos anos com livros emprestados, doados, usados, às vezes novos (quando dava). Mas não me importava mais. Alegrou-me por saber que eu teria um que seria a ponte entre mim e o mundo. Tornei-me leitor contumaz na adolescência e juventude. Quando adulto, virei escritor. São os livros que me garantem teto e pão, permitem-me enxergar além da superfície, mostram-me não somente como o mundo é, mas como poderia ser, permitem-me construir um presente, entender o passado e, em vez de apenas esperar o futuro, construí-lo. Livro é alicerce, fundamental para sustentação da alvenaria da vida.



**3ª Colocada**

## ÍDOLOS DE HOJE, LIVROS PARA TODO AMANHÃ

**Bruna Mello de Cenço**



A ciência comprova: faz bem admirar alguém. Sentimentos como o amor, a paixão ou mesmo a empatia geram benefícios para o nosso corpo, liberam hormônios que fazem com que a gente se sinta melhor. Sensações de carinho, como a admiração, também têm o poder de nos incentivar a ser pessoas melhores: mais saudáveis, mais tranquilas, mais eficientes, especialistas em determinado assunto. Seria algo como: “diga-me quem são seus ídolos e eu te direi quem és”. Por outro lado, ser uma referência também é uma grande responsabilidade. Para muitas pessoas, em especial adolescentes, ídolos são quase como deuses – e deuses não têm falhas. Ou será que têm?

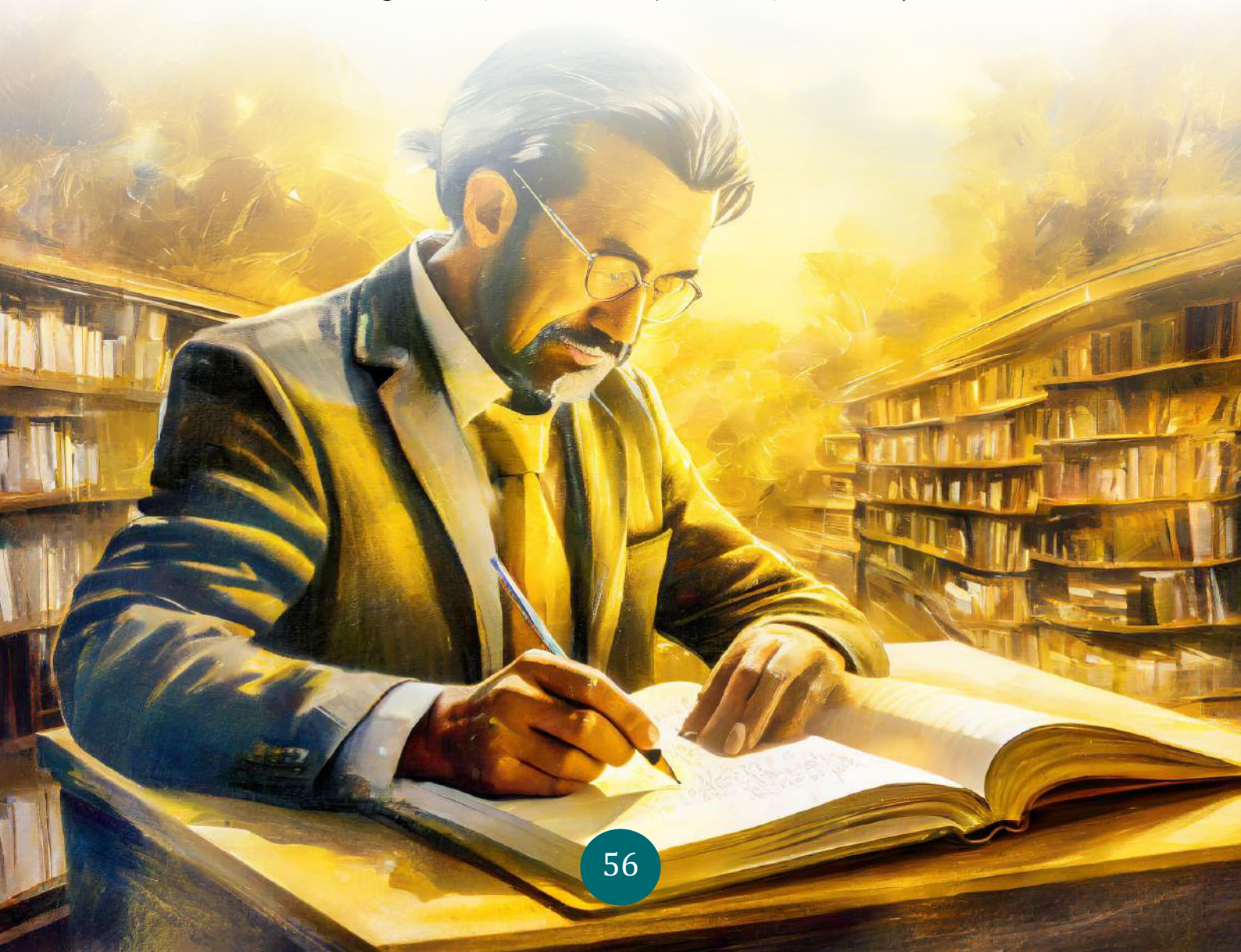
Se hoje eu sou o que sou, jornalista, escritora, uma pessoa com alguma criticidade, devo em grande parte a várias pessoas, das quais vou citar alguns escritores. O primeiro deles foi e sempre será Maurício de Sousa. Era ele, Maurício, e toda a sua criação que me faziam companhia nos almoços de domingo, quando saíamos, eu, meus pais e meu irmão, para almoçar em uma lanchonete perto de casa.

Mais do que o cachorro-quente (naquela época sem purê, nem milho, muito menos prensado) e a Coca-cola, era a revistinha o que mais gostava no passeio. Mal estacionávamos o carro e eu já ia direto para a banca, olhar com cuidado todas as capas. Se não me apressassem, era capaz de gastar mais tempo escolhendo do que lendo, mas valia a pena. De forma lúdica e divertida, fui alfabetizada pelas histórias do bairro do Limão, me identificando com um pouco de cada personagem. Queria ser poderosa como a Mônica, mas também divertida (ou diveltida) como o Cebolinha, livre (e magrinha) como a Magali, inteligente como o Franjinha. Mas, em algum momento, passei a admirar também quem estava por trás daquelas tirinhas: um homem de fala mansa, pai de dez filhos e que decidiu homenagear a muitos deles e a outras várias crianças em seus gibis, com histórias que, além de humor, trouxeram e ainda trazem cada vez mais diversidade e questões sociais e ambientais para

o universo infantil. Maurício de Souza é um bom exemplo na vida pessoal e artística. Mas e quando não é bem assim?

Voltando um pouco mais no tempo, antes mesmo de pensar em ler e escrever, outro autor, também sensacional, porém controverso, já fazia parte da minha vida. Naquele mundo do início dos anos 80, muito anterior ao do YouTube ou ao da onda de streamings, a única forma de me fazer ficar quieta nas manhãs de sábados e domingos era colocar a tal fita VHS com os episódios gravados de O Sítio do Pica-pau Amarelo. De tanto passar, a fita foi ficando gasta e até precisou de alguns reparos com adesivo para continuar me levando àquele mundo fantástico de bonecas falantes, meninas carinhosas, sabugos inteligentes, garotos aventureiros e uma bruxa em forma de jacaré.

A identificação com as histórias com traços de pirlimpimpim foi tanta que por anos li e reli vários daqueles livros, muitos deles passados de pai para filha. Foi somente depois de adulta que percebi que o estilo daquele senhor de bigode curto e sobrancelha grossa tinha vários posicionamentos inaceitáveis, reflexo inclusive de uma aproximação com o movimento eugenista (um culto à raça branca). Ao me aprofundar no





debate e ler análises dos trechos das cartas e livros não-publicados de Monteiro Lobato, fica claro que suas tendências racistas iam muito além dos “Tia Anastácia, negra beijuda” retratados no livro, mas a distância temporal dá um certo alento.

A sociedade, assim como a nossa gramática, muda periodicamente, evolui, na maioria das vezes, e as nossas perspectivas de ídolos e heróis, também. Machado de Assis, cujo tom sarcástico e preciso é minha grande inspiração textual, era negro (ou mulato, como diziam os professores quando estudava Memórias Póstumas para o vestibular), mas não se identificava assim. Do contrário, em meio a uma sociedade ainda mais preconceituosa, talvez não tivesse seu reconhecimento como autor. Mas, se em vida Machado de Assis não levantava a bandeira de igualdade racial, após sua morte virou ícone da literatura negra.

Já Cecília Meireles, porta-voz da igualdade de gênero, sempre fez questão de se posicionar. O seu famoso verso “Não sou alegre nem sou triste: sou poeta” é quase manifesto, pois “poetiza”, para ela, era discriminação. O triste é que, mais de 80 anos do poema de Cecília, ainda temos diferenças entre salários de homens e mulheres, temos feminicídios, temos mulheres proibidas de fazerem as coisas mais simples.



Assim, quando eu leio aquela frase de que um país se faz de homens e livros, a primeira coisa que me dói é: por que só homens? A maioria das pessoas leitoras do Brasil é de mulheres; o primeiro romance brasileiro, *Úrsula*, foi escrito por uma mulher, Maria Firmina dos Reis, em 1859. Porém, estamos em 2023 e a gente ainda luta pela igualdade. Ao mesmo tempo, como disse, a sociedade muda todos os dias e mesmo meu próprio discurso pode estar ultrapassado. Para muitos, não se trata só de homens e mulheres, mas de homens e mulheres cis e trans, pessoas binárias e não-binárias.

Fato é que a normalidade é desafiante e uma das belezas de escrever é retratar como pensam as pessoas naquele instante. Como escritora, sempre que vou terminar alguma peça, alguma crônica ou livro, penso que mensagens eu estou passando. Será que falta alguma coisa? Quando falo para mulheres, o que mais posso inserir ali? Será que estou deixando a mensagem que desejo ou, sem querer, eu estou colocando alguma tendência de misoginia, racismo, xenofobia, machismo? E, antes que meu ego pergunte: “mas, você, machista?”. Eu mesma respondo a mim mesma: “Sim, querida, você é machista”. Somos todos machistas, somos todos racistas, preconceituosos, porque é assim que fomos criados e negar a nossa própria sombra não ajuda.

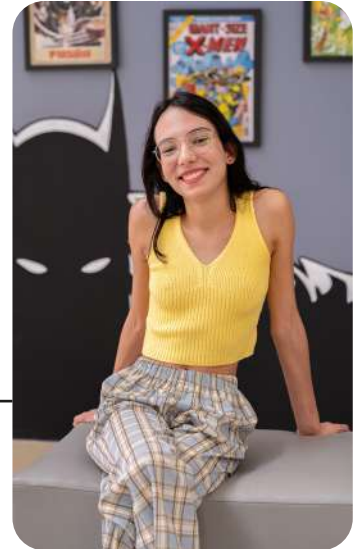
Não adianta negar o que a gente foi, ignorar o passado ou ter vergonha. A gente está em constante mudança e, como dizia Raulzito, é preferível desta forma. É importante, sim, analisar quais eram os contextos da época para que hoje se faça diferente. Não é sobre concordar ou não com os autores antigos (incluindo a gente mesmo), mas é através deles que conhecemos o cotidiano de um determinado tempo, as lutas que acabaram e outras que, apesar dos anos, continuam atuais. Daqui a 20 anos, talvez, o que hoje entendemos como aceitável não será mais assim.

Então, mais do que de homens, um país se faz de pessoas e livros - e os livros são importantíssimos para a gente se educar como país, transmitir ideias e ideais, deixando registrado o que a gente é como sociedade, como são as pessoas e o que a gente quer ser no futuro. Assim como qualquer pessoa escritora, espero poder retribuir um pouco dos presentes que recebi dos que vieram antes de mim, inspirar e divertir pelo menos um leitor ou leitora e que ele ou ela reconheça aqui o valor que for possível, analisando e aprimorando o que foi retratado para fazer do seu mundo algo melhor, mesmo que eu não seja aquela ídola perfeita, ou que minhas ideias de hoje não valham mais amanhã.

4ª Colocada

## A PRAIA DOS CONTADORES DE ESTÓRIAS

**Treyce Hellen Rodrigues Anunciado**



Estávamos na praia, eu e Eduardinha, de 9 anos. Havíamos vindo em companhia de nossa família. Adorávamos o lazer de observar a linda paisagem proporcionada pelo mar. Embora estivéssemos muito próximas à São Paulo e nestas praias haja muitas pessoas, a beleza litorânea ainda era transposta através da simplicidade dos dias e da simpatia dos ambulantes, que têm uma vida acompanhada pelos raios solares – mesmo que estes às vezes sejam desconfortáveis. Penso que o que nos contente seja a sombra e a água fresca. Por isso, gosto muito da tranquilidade do campo, acredito que seja isso que falte à praia: sempre sujamos muitos nossos pés de areia e os dias são acompanhados por festas. Aprecio o cotidiano proporcionado pelo campo.

Pensava nas tintas e nos borrões do passado, na forma como tudo foi se desencadeando, a infância, a adolescência, o trabalho, a faculdade. Hoje ainda mais o trabalho e a sede por conquistar novos horizontes... Foi o que fez-me repensar – e “repensar”, pois penso com frequência. Aquele pensar digno dos professores que ensinam pois sempre foram apaixonados por aprender – como posso transmitir a ela meus acertos e demonstrar que os erros fazem parte? Como ensiná-la a lidar com as frustrações se eu mesma tenho muita dificuldade com isso? Quero desempenhar meu papel de irmã mais velha o mais perfeitamente possível. No entanto, a perfeição é ideacional e o que fazemos com idealismos inalcançáveis?

Pensei em “Reinações de Narizinho”, livro de Monteiro Lobato, o qual meu irmão mais velho ganhou por volta do ano de 2010, através de um projeto de fomento à leitura do Governo Federal. Costumava lê-lo para mim mesma na infância. Por volta de 2019, comecei a lê-lo para a Eduardinha e o Joãozinho. O mundo criado por Lobato, no pequeno Sítio e no Reino das Águas Claras, com certeza nos proporcionaram alegrias e imaginação. Além disso, a máxima do autor “Um país se faz com homens

e livros” não pôde fazer, em outro momento, tanto sentido quanto fez durante aquelas reflexões: uma coleção de livros distribuída pela federação para irmãos que faziam suas alegrias através de letras impressas. Além de ler, tingiam papéis com cores e inventavam um mundo a partir daquilo. A infância era linda, ainda mais quando revivida aos vinte...

Estava com meus pensamentos sentada a uma mesa de jantar de um apartamento na Praia Grande e questionava-me: qual será o futuro do Brasil? Sempre disseram-me que “as crianças e os jovens são o futuro do país”, é um ditado popular que faz muito sentido. No entanto, o que podemos fazer, na prática, para incentivarmos estas crianças e também jovens a exercer sua plena cidadania? Com certeza através da educação e da leitura. Mas e a polarização política? E o Brasil como um país subdesenvolvido vivendo sempre à mercê dos países do centro (Estados Unidos e Europa)? E o futuro da nação? E a geração Coca-Cola de Renato Russo? Aliás, esta marca faz muito sentido em todo o contexto de questionamento atual por ser um dos maiores oligopólios da atualidade. Então que seja! Reinventemos o universo, os Estados e as Nações. Criemos tudo do zero. Todavia, o “homem é o lobo do homem” como disse Thomas Hobbes no século XVII. Portanto, creio que a resposta mais prática, em primeira instância, seja a transformação do mundo através do que somos: da gentileza, da empatia, do aprendizado e da escuta. Caso todos nós exerçamos estas qualidades e consigamos passá-las aos nossos pequenos, criaremos e elegeremos governantes mais bem preparados que defendam os direitos humanos.

Mas o que são os direitos humanos? Promovidos principalmente pela Declaração Universal dos Direitos Humanos, criada no pós-Segunda Guerra (1948) pela Organização das Nações Unidas (ONU) com o intuito de promover a paz e a igualdade entre os homens é de suma importância para o exercício da cidadania e direitos inalienáveis do homem, como igualdade perante a lei e não discriminação. Com o passar dos anos, criou-se a UNICEF para promover o direito das crianças já que a declaração em geral não contemplava os direitos à educação, moradia e comida de qualidade na mesa das crianças. Portanto, este mecanismo é crucial para a garantia do desenvolvimento dos nossos pequenos. Além disso, é válido ressaltar a existência da ONU Mulheres com o objetivo de disseminar a igualdade de gênero.

Contudo, pensemos e sejamos um pouco mais filosóficos, o que é a felicidade? O que é verdadeiramente a felicidade? Seria a capacidade de alegrar-se com estórias bem contadas sobre o sentimento de ser feliz

ou a pura capacidade de apreciar a areia nos pés, numa quinta-feira à tarde do litoral paulista? Correr, pular e mergulhar com as crianças? Ah! A pureza de ser criança e inventar ilustrações! Tudo é divertido e puro... Creio que o primeiro passo seja questionar-se a respeito da inventividade da felicidade: quem a inventou? Questionamo-la desde a Grécia Antiga, mas a partir de que momento começamos a pensá-la? Desde que desenvolvemos o telencéfalo?

Ah, crianças e o futuro! Respondam-me a esta pergunta! Contem-me suas histórias, escrevam-nas, leiam-nas... Falem, digam, escutem, discutam e sejamos filósofos! O mundo precisa de ti e da sua inteligência! Leia Hobbes, Rousseau, Platão, Clarice Lispector, Guimarães Rosa, Machado de Assis, Cora Coralina, seus textos acadêmicos, a receita de bolo, a coluna do antigo jornal, o folhetim de promoções do mercado, o blog da sua irmã mais velha, o poema da sua tia favorita, aprecie os “erros de português” de Oswald de Andrade e invente! Não receie errar! Converse comigo! Ora, invente-me o futuro! Eu lhe rogo... Um Brasil mais igualitário só será alcançado através da educação, da leitura, da escrita e da promoção dos direitos humanos. Vamos juntos nesta aventura imaginativa do aprendizado proporcionado pela leitura!



**5ª Colocada**

**O PORTAL**

**Angela Teresa Batista Ferreira**



Ela sabia que a mãe não devia estar em casa quando chegasse da escola. Era sempre assim, pensava um tanto triste e resignada. Sua mãe trabalhava para que “não faltasse nada em casa”, ela dizia isso como um general para seu regimento. Imaginava sua mãe assim: uma guerreira sem uniforme camuflado nem armas. Às vezes, a menina tinha preguiça de ir à escola, era muito cedo e muito longe, mas a mãe se irritava e dizia com a simplicidade de quem não pôde estudar, mas com muita sabedoria: “Criança tem mesmo é que ter aula, não tem que ficar na rua sem fazer nada! Você tem que estudar para crescer na vida!” A menina não conseguia conceber o que poderia ser melhor do que ela já tinha, mas não discutia.

Amava muito sua escola, mas, muitas vezes, quase desistiu de ir à aula, já que o acesso era difícil. Não pela distância em si, pois era só descer até o asfalto, mas sim porque morava no alto do morro. A subida de volta para casa com a mochila pesada era um dos problemas. Para piorar ainda mais, em algumas vielas, havia homens mal-encarados com armas assustadoras, o que a fazia correr de tanto medo. Tentava ao máximo ser invisível, como a mãe lhe recomendava, mas, às vezes, eles a assustavam, zombando de sua pouca idade e do uniforme do colégio. Chamavam-na de “estudantezinha otária que não sabe ganhar dinheiro”. Muitos queriam que ela se juntasse a eles, falavam que podia “tirar uma boa grana”. Mas nunca entendeu muito bem qual a vantagem disto e, quando questionava a mãe, ela desconversava, fechava a cara e pedia para ela “não dar ideia para ninguém!” E assim ela fazia, não queria ver sua mãe triste.

Hoje era um dia especial, estava ansiosa para contar para a mãe que tinha conhecido a biblioteca itinerante, um ônibus repleto de livros, que visitou sua escola. Na lateral do veículo, bem ao lado da porta de entrada, viu uma frase curiosa de um autor que não conhecia, mas a fez parar e refletir: “Um país se faz com homens e livros”. Pensando bem,

um lugar com homens e armas, além de gente que não gosta de ler, não pode ser muito bom. Ao entrar, nem conseguia acreditar, tinham muitos livros interessantes. Até ficou tentada a pegar vários deles emprestados com a “tia” bibliotecária, mas a escadaria íngreme e as ladeiras estreitas para subir até sua casa pareciam bem mais longas com a mochila puída, prestes a rasgar com o peso dos livros. Então desistiu.

De qualquer forma, seu caminho ficou bem mais interessante com as lembranças da visita inesperada. E foi subindo, imaginando as estórias por trás de cada capa de livro que abriu. Até que seu caminho foi interrompido numa viela muito estreita e, estranhamente, vazia àquela hora. Tratava-se de uma boneca de pano, quase do seu tamanho, largada no chão. De longe, ela parecia chorar desolada, sentada de cabeça baixa com os bracinhos abertos ao longo do corpo inerte. Achou engraçada esta ideia, pois ela já tinha idade suficiente para saber que bonecas não são que nem gente. Entretanto, quando se aproximou e estendeu a mão para tirá-la do chão, subitamente, a boneca levantou a cabeça, enxugou as lágrimas com o dorso da mãozinha e sorriu. Ela lhe pediu ajuda, o que a menina nem conseguia responder de tanto espanto. Mas como assim uma boneca que fala? A menina olhou para um lado e para o outro, sem acreditar. A boneca retrucou que, quando precisava, ela falava bastante sim! O fato é que havia caído de um livro que alguém sem coração havia jogado fora na rua. A menina ficou encantada e, ao mesmo tempo, triste por uma pessoa ter coragem de jogar um livro fora, ainda mais na rua! E não pararam mais de conversar, a boneca perguntava sobre tudo o que via no caminho e subiram a favela juntas de mãos dadas. Conversando, as duas decidiram que a menina a levaria para sua “tia” bibliotecária no dia seguinte, já que ela saberia dizer a que livro ela pertencia. Enquanto isto, a boneca iria ficar na sua casa e conhecer sua mãe guerreira.

Entretanto, o alto do morro parecia um formigueiro com pessoas correndo de um lado para o outro e trancando as portas. Conforme ia se aproximando de casa, viu que havia muitos homens armados se escondendo nos becos, e bem assustados. Quando era assim, não era nada bom, avisou para a boneca. Resolveu, então, carregá-la no colo para correr o mais rápido possível. Logo logo iria ouvir os “pipocos”, como diria sua mãe. Mesmo assim, de alguma forma, estava feliz por ter a companhia da boneca falante.

Assim que entrou em casa, começaram os tiros e a correria pelas vielas. A mãe não havia chegado ainda e, pelo jeito, iria demorar bastante. Temia pela segurança da mãe, confessou. A boneca, então, a acalmou,

talvez por não entender direito o que estava acontecendo, pois nunca tinha saído do livro. De qualquer maneira, agora seria a hora perfeita para ela contar de onde veio, sua beleza e seus personagens. Ela morava num lugar muito tranquilo, um sítio com muitas árvores e seres mágicos. Lá havia um sabugo de milho falante, com o curioso título de “visconde”. Tinha também uma senhora bondosa de cabelos brancos, uma cozinheira de mão cheia, uma menina querida e um menino também. E desatou a contar tantas histórias e aventuras maravilhosas que a menina esqueceu do tiroteio lá fora, bem como da ausência da mãe, e adormeceu em paz.

No meio da madrugada, quando estava tudo mais silencioso, a mãe chegou e, se não fosse pelo beijo que lhe deu, ela nem veria. Um pouco mais tarde, quando acordou, viu a mãe dormindo e sentiu pena dela. Mas, na verdade, nem conseguiu pensar muito sobre isto, pois a boneca puxou seu braço entusiasmada. Pediu para ir logo até a biblioteca, ela precisava muito voltar para casa, já que devia estar perdendo muitas aventuras! A menina assentiu, pois tinha certeza de que a “tia” bibliotecária iria achar o livro certo para ela. Assim sendo, arrumou-se o mais rápido possível, deu um beijo na mãe sonolenta, pegou a boneca pela mão e desceu a favela, que se encontrava tranquila naquele horário.

Para sua alegria, a biblioteca ainda permanecia lá e estava aberta. Empolgada, a menina contou sobre sua nova amiga boneca e de como era incrível o lugar de onde ela veio. Nem imaginava que poderia haver no mundo um sítio tão mágico, com uma boneca falante, um sabugo de milho visconde e, ainda por cima, não tinha balas perdidas nem tiroteios. Ela confessou também que lamentava separar-se da boneca, pois tinha se afeiçoado muito a ela, mas a coitadinha precisava voltar logo para casa. A bibliotecária ficou encantada com a menina e, sem questionar, a levou até uma estante onde havia uma vasta coleção de um só autor. Com os olhos brilhando de encantamento a menina foi abrindo os livros um por um com a boneca ao seu lado, quicando ansiosa. Algum tempo depois, quando já estavam quase desistindo, surgiu um título bem curioso: “Emília no País da Gramática”. Assim que abriu, para seu espanto, um rinoceronte saltou das páginas. A menina gritou de susto, mas a boneca, pulando de alegria, chamou-o pelo nome: “Oi, Quindim! Você veio me buscar?” E o paquiderme acenou que sim com a cabeça. Então, a boneca abraçou bem apertado a menina, disse um “até breve” com uma piscadela e, antes que a menina pudesse pedir para ir junto, ela montou no rinoceronte e ambos pularam direto para dentro das páginas.



Após a súbita despedida, com o livro ainda aberto nas mãos, a menina sentiu as lágrimas brotarem nos olhos e escorrerem até as bochechas. Percebendo sua comoção, a bibliotecária a animou, avisando que ela poderia pegar este livro emprestado, já que iria adorar ler sobre todas as aventuras que sua amiga iria viver. Ela, então, aproveitou também a oportunidade para sugerir muitas outras obras com personagens e lugares exóticos e distantes para a menina conhecer. Era só vir buscar, não lhe custaria nada.

Intimamente, a bibliotecária se sentiu feliz e realizada por conquistar mais uma leitora.

Já para a menina, esse dia representou muito mais do que isto; foi como um portal se abrindo para uma outra dimensão.

Um dia, no entanto, a biblioteca se foi, como era peculiar de sua condição itinerante, mas a vontade de ler foi bem semeada e deu frutos. Como a menina insistia muito para encontrar outras bibliotecas, a mãe acabou tendo que aprender a ler também. E, quanto mais ambas liam, mais fome de conhecimento tinham.

Não demorou muito para perceberem que seu horizonte poderia ser muito maior do que poderiam imaginar.

A leitura permitiu que a mãe tivesse um diferencial a oferecer no mercado de trabalho. Assim, ela logo conseguiu ter melhores condições para realizar o sonho de ver a filha formada na universidade.

A menina, por sua vez, depois de se formar, tornou-se escritora. Ela queria contar ao mundo como um livro pode ser um portal da ignorância e violência, sobretudo, com as crianças, para uma vida plena de esperança e perspectivas. E, lembrando de um certo dia especial que impactou sua vida para sempre, ela iniciou o livro com a célebre frase de Monteiro Lobato: “Um país se faz com homens e livros”.

1º Prêmio Jundiá de  
**Literatura**

# Prata da Casa

GÊNERO PROSA POÉTICA



“As brigas dos meus pais foram virando o chão onde nós pisávamos. E nos últimos dias de casamento, não havia mais nada além de ameaça, soco na mesa, porta batendo. Me acostumei a dormir por cima disso, ou não dormiria nunca mais.”

(Trecho do livro *Pequena Coreografia do Adeus*, da autora Aline Bei).

Utilize a linguagem poética para explorar a importância da luta pelos direitos das crianças e dos adolescentes e as consequências da sua falta. É possível abordar questões como a violência doméstica, a exploração sexual, a situação de vulnerabilidade social, bem como ações concretas para garantir a proteção desses sujeitos.



**1ª Colocada**

## **FLORES NO VASO**

**Ana Paula Miurim**



Havia um jardim, não tão bonito assim...

Como em outros tantos jardins espalhados pela cidade, haviam algumas flores, mato, pragas e botões, tipo de coisa que se encontra em muitas regiões. Mas neste jardim, havia uma flor especial: Dona Rosa, ali plantada. Já desanimada, esperava que algo de bom finalmente acontecesse. Murcha, grisalha e já quase sem forças..., mas o destino fez lembrar que ainda era moça, e a sorte foi plantada. Ao lado de Dona Rosa, três botões brotavam.

Embora ainda pequeninos, já podiam sentir toda a dureza desta terra. Sabiam os três, desde meninos, que a flor Dona Rosa, não estava bem. Precisava ela de ajuda para mudar tal situação, pois, criar três botões, ali naquele chão, não seria fácil não.

- É maria sem vergonha! Diziam no portão!

- Trepadeira de primeira! Não sei pra quê arrumar botão?

Filhos de Dona Rosa e de um passarinho qualquer, canário canalha, desses que se encontra em cada esquina, ou talvez de um quero-quero, que só sabe o querer, desses que sabemos bem o que quer. Depois que a flor desabrochou, voou e nunca mais voltou! Nem seu nome registrou que é para não deixar rastros.

Sozinha, Rosa fazia o que podia: andava durante o dia juntando latinha e para comer ela pedia.

- Ela não cuida dos filhos, estão tão enfraquecidos, pobrezinho dos botões!

Mas os botões pouco ligavam, aquela mãe eles amavam. Só tinham olhos para a Rosa, os botões. Juntos eles ficavam e qualquer dificuldade eles enfrentavam. Dividiam o pouco que tinham e seguiam, independentemente de qualquer situação.

Pensativa, porém, Rosa já não aguentava mais aquela vida, queria poder comprar comida e tomou uma decisão: Para correr atrás do pão, vendeu o que tinha em mãos. Um trabalho ela arrumou.

Um dia, Camélia, atrevida, contou pra Dona Margarida que viu Rosa trabalhando num salão. Desses, que dizem ser de “Flor que não se cheira”. Como o trabalho começava tarde, e não tinha hora para acabar, Rosa passou a deixar sozinhos os seus botões, mas a eles dava instruções, falava: “Vocês que são irmãos precisam se ajudar. Um põe a roupa pra lavar, outro cuida do jantar e depois de acordar, todo mundo pra escola! Nada de ficar na rua jogando bola ou arrumando confusão”. Mas sabe, a vida de botão, não é assim tão fácil em qualquer jardim.... Com a mãe longe de casa, os botões ganharam asas e começaram a aprontar.

Andavam por aí esfomeados, sujos, mal arrumados, das aulas começaram a faltar, e foi aí que o problema começou a se agravar. Foi chamado o Conselho Tutelar, e esse compareceu. Dona Rosa se surpreendeu com a notícia que recebeu.

Os botões foram removidos de perto de Dona Rosa. Foram colocados em um vaso de vidro, também conhecido como “abrigo”, para que recebessem melhores cuidados.

Ali, foram retirados os espinhos, receberam adubo, carinho, e algum tempo se passou. Mas se você pensa que essa história se acabou e que esse é o fim, saiba que esta história não termina assim, você está muito enganado.



Dona Rosa também recebeu cuidados. E com algum tempo passado, entendeu ela a importância de estar com suas crianças. Até dona Margarida que era sua vizinha, entrou na dança e ajudou. Virou rede de apoio de Dona Rosa, prometeu cuidar das crianças pra Rosa poder trabalhar. A esperança novamente brotava, como planta regada para que os botões pudessem voltar.

Na água do vaso, os botões se desenvolveram bem, e quando receberam a notícia que poderiam voltar para o jardim, foi uma felicidade sem fim. No vaso, teve festa e despedida, alegria desmedida! Rosa foi até aplaudida, quando com lágrimas nos olhos os filhos ela abraçou.

Plantados novamente ao lado de Dona Rosa, os botões cresceram. Criaram suas raízes, viveram fortes, felizes e depois de algum tempo, também tiveram seus próprios botões. Dona Rosa, sempre orgulhosa, mostrava a todos que por ali passavam, que não existe tempo ruim, e que é possível sim, enfrentar e vencer as dificuldades. Que o amor e as boas amizades, a fé e muita força de vontade, podem transformar a triste realidade dentro de qualquer jardim.

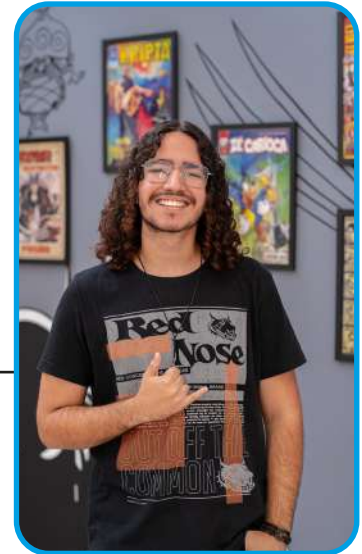
E aos poucos, aquele jardim, que no começo, nem era tão bonito assim, depois de transformado em lar, virou um perfeito lugar para qualquer botão se criar.



**2º Colocado**

## SANGUE, ÁGUA E SABÃO

**Miquéias Henrique de Sousa Gomes**



Estou numa casa escura só que muito bem limpa, com alguns irmãos de miséria, alguns de consideração agregados da mesma pobreza e outros os que sobreviveram de partos complicados, mamãe não aprendeu a amamentar no hospital, não sabia o que comer e devolvia para nós um leite com gosto de impotência e agonia, disputamos a comida escassa e os fiapos de coberta, sou o mais novo dos seis e o que menos viveu de verdade. Sangue, água e sabão sempre deixam a casa limpa. Sempre mandam arrumar a casa só que nunca é o suficiente. Me mandaram engolir o choro e deu uma dor na garganta como de ser enforcado só que por falsas promessas e cheiro de fumaça. O fogo começou quando ele me arrastou pelo cabelo até a porta que já era só farpas e desgosto, agora se quebrou ainda mais e nela tinha meu sangue, água, sabão e dessa vez ódio, ódio genuíno daqueles que até nos perguntamos por que passamos por isso sem que ninguém nos ouça, ajuda e nos salve de tamanha privação e sofrimento. Sou refém e quem me sequestrou foi a desesperancida-de de se sentir só, ser só e estar num vazio que quanto mais tento sair maior se tornam os maremotos que me afundam. O peso de minhas lágrimas as gotas translucidas de sangue com água e também as bolhas de sabão.

Olho para cintura do papai e sei que ela estará lá me esperando se não arrumar tudo, corro, limpo e sou tão pequeno que não consigo alcançar aquilo que me trará felicidade: a liberdade. Ouvi no rádio da cozinha que as crianças têm direitos, mas não consigo encontrá-los, embaixo da coberta rasgada ou em cima da mais longe das estrelas, sei que não posso desistir, só que como resistir? A minha luta é tão grande que não cabe no meu coraçãozinho, nem no balde de água, na porta ensanguentada que também vou limpar ou na caixa de sabão vencido. Quando foi que a última cicatriz se fechou de verdade sem que uma nova surgisse? Dizem que aquelas que vem do âmago do ser são as que mais doem, permeiam e destroem só que estas no meu corpo já não o

suficiente? Mamãe diz para eu ir com roupas mais longas assim as professoras nunca desconfiarão de onde vem essas marcas, como pode uma mulher deter de uma voz doce e ameaçadora, será que era doce de verdade? Ou apenas um chocolate que derreteria na boca, mas teria um amargo no final que preencheria toda ela, como uma sova bem dada ou um silêncio de uma vida perdida.

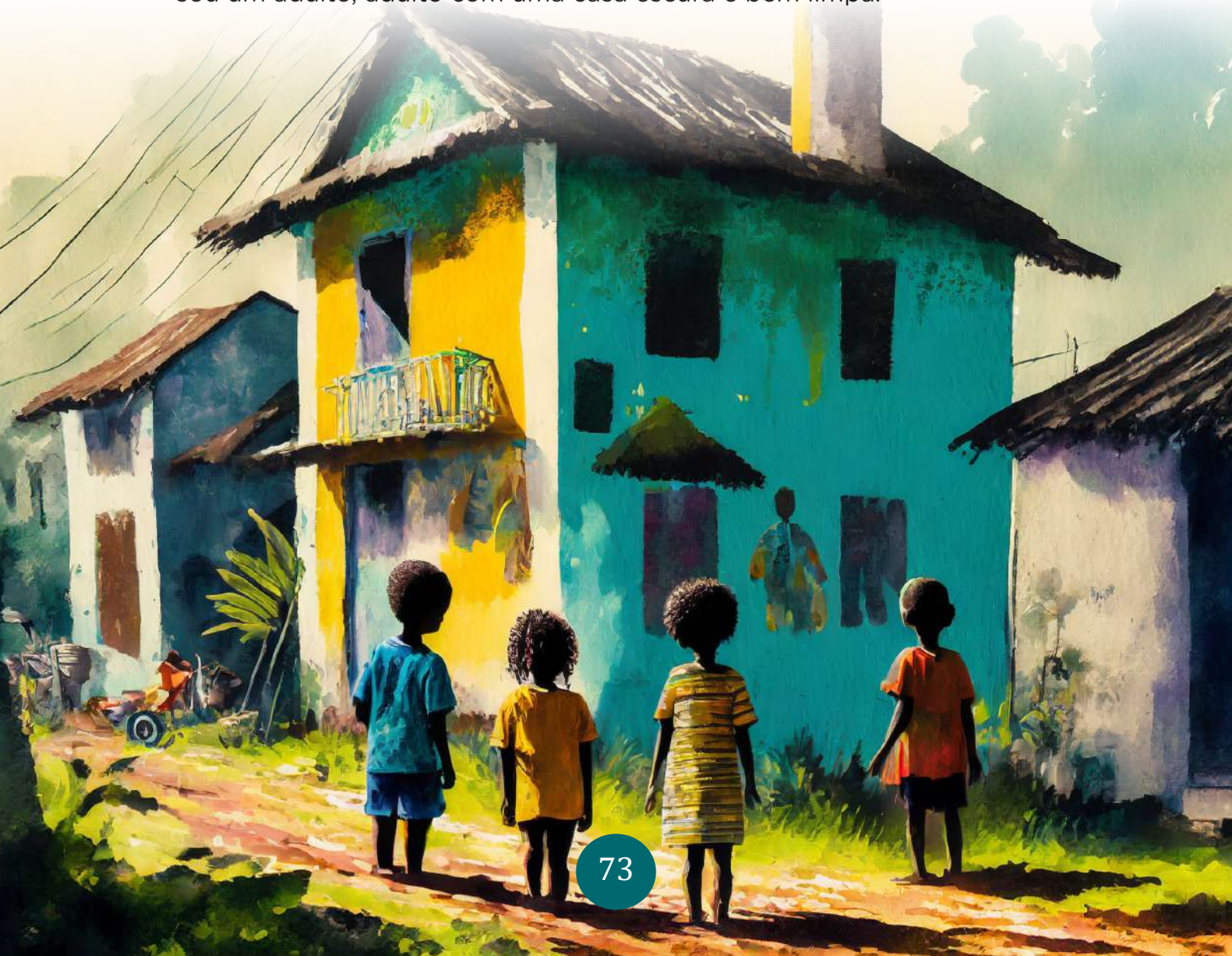
Uma casa limpa nunca deve faltar sangue, água, sabão e um cinto. O último garantirá que os outros sejam devidamente usados sem pestanejar, na falta de água para lavar que o suor do terror de não atender o seu pedido seja o suficiente para executar tamanha pequena tarefa e quando não lhe restar mais nada use seu sangue fraco sem vitaminas, ferro ou um leve cafuné. Pra que biotônicos se na despensa só tem poeira e desolação. As vezes um bocado de fome é o melhor que a vida pode nos iludir, quem disse isso nunca conheceu o que a mamãe e papai podem fazer. Era de uma fatalidade estupenda que o anti-eu e eu morássemos debaixo do mesmo teto quebrado. Pancadas no portão. Cheiro fraco de lama e, agora mais perto, sim é ele. Sofá em pedaços revirados. Mais sujeira, feridas abertas e cansaço para mim. Se um dia pude orar hoje já não consigo fechar minhas mãos para que pelo menos uma, a menor das preces fosse atendida. O executor e seu machado de palavras carregadas de mau hálito e atrocidades ocultas. Como um copo de metal quando cai no chão e faz barulho, o eco de uma mente vazia machuca e transgride. Este era ele em sua forma completa sem adicionar ou retirar informações, se houve momentos em que duvidei da maldade humana ele sempre esteve pronto em responder e ainda cobrava de ser chamado de papai que irônico.

Até que era desesperador, mamãe saía e só voltava algumas vezes durante a semana então sobrava só irmãos raivosos e eu, humilde e ingênuo eu que tanto acreditava na fala do rádio, quem são as crianças escolhidas para serem cuidadas? Por que nunca sou eu? Estou bem aqui, ouça minha voz antes que ela se vá junto de minhas forças que também são poucas. Sei que não limpo tão rápido, nem tenho mais suor em meu rosto, nem sangue, água ou sabão apenas incerteza e medo, porem sei que posso ter alguma coisa que faça eu ser escolhido num oceano de profundas calamidades e de torres de desconstrução parental. As vezes era água, outras eu era o sangue tudo dependia de como seria diluído dentro da minha própria casa, casa essa que nunca pude chamar de lar. Como uma fênix aprisionada renascerei de toda essa violência sem fim... Calma quantos anos se passaram? Quando foi que cresci? Diante de mim parou o universo ao som da última surra esquecida. Agora eu sou o que bate no portão, eu que tenho o cheiro de lama que deixa o



sofá em pedaços revirados. Eu deixo a casa com gosto de sangue, água e sabão.

Acho que quando me dei conta de ser adulto foi quando esqueci como ser criança, só que como poderia ser algo que nunca fui? Fui mesmo? Não tem como, eu era diferente daquelas propagandas que a família está unida por um laço maior que o parentesco grotesco e pitoresco que tanto aparecia na televisão do vizinho. Brutalidade, ignorância e uma pitada de selvageria. Nenhum vizinho me acolheu. Só mais um segundo de chance eu poderia ter sido salvo. Nenhuma professora socorreu-me ao ver minhas mangas compridas da camisa de força que vestia para proteger a loucura daqueles que chamei de papai e mamãe. Hoje já não me preocupo com o sangue, água e sabão mesmo podendo ser diferente quem sabe o quão longe poderia ter ido o fervor que teria sentido no meu peito de alegria por ser acolhido em um lar confortável pois onde se tem amor sempre tem calor. Naquele tempo nem tive a chance de dar queixa dos dentes, memórias e sorrisos partidos no meio ou da falta que um dia teria o direito de ter uma boa família. Só precisava ser protegido daquele lugar que só tinha sangue água e sabão pois agora sou um adulto, adulto com uma casa escura e bem limpa.



**3ª Colocada**

## **EU E MINHA MÃE**

**Carolina Camila Bonelli**



Um raio de sol quentinho me despertou hoje cedo. O passarinho que cantava bonito foi um convite para eu me levantar; fui procurá-lo, mas ele voou. Deve ser bom voar... Olhei pra dentro de casa, vi minha mãe ainda dormindo. Deixei-a quieta, é sábado, hoje ela não vai à escola. O melhor é que aquele homem não está: ele saiu de casa ontem e ainda não voltou... tomara que ele demore! Tomara que ele esqueça o caminho de volta para casa!

Eu gosto quando ficamos só eu e minha mãe. Vou aproveitar o dia pra explicar a ela as coisas que estão em seu caderno: ela não entende sozinha. Preciso explicar muitas vezes. Ela ganhou um caderno da professora, cheio de páginas em branco, então podemos escrever bastante. Isso é muito bom. Quero ficar bem do ladinho dela.

Porque quando aquele monstro chegar, a gente não consegue mais. Não somos mais nós: somos medo, somos raiva, somos menos. Ele fica rindo dela, e, às vezes, chega batendo, me manda até sair da casa. Escuto alguns gritos, gemidos e barulhos... nessa hora eu vou lá embaixo da árvore, fecho bem os olhos e tapo os ouvidos... logo tudo vira silêncio de novo. Um silêncio que dói. Ao voltar pra casa, minha mãe está sempre muito quieta. Eu já vi o que ele faz. Já o vi ameaçando-a com facão, chamando-a de tonta, segurando-a pelo queixo. Ela não fala nada, nem ergue os olhos. Um dia cheguei a chamar a polícia pelo celular; eles vieram, mas ela disse que não acontecia nada, que estava tudo bem. Não foi verdade! Eu não entendi por que ela mentiu.

Também já ouvi ele falando que ia colocar minha mãe no porta-malas do carro e largar ela no meio do mato, bem longe daqui. Eu tenho medo de que ele faça isso; sei que ele é capaz! Ele diz que “não liga pra polícia”. Eu sinto um aperto no peito quando ele vem vindo, vejo o pavor nos olhos de minha mãe: ele é feio, grande e com bafo ruim. Ele é mau! Eu queria que ele nunca mais voltasse! Um dia eu o mato! Eu vou criar coragem e matar ele!

Minha mãe não tem reação. Ela se sente indefesa, dependente, e talvez, até merecedora. Não sabe separar o que é certo e errado. Ela ainda faz a comida dele, e o serve. Trata na boca seu opressor. Ela não é como as minhas professoras da escola: seus cabelos são bagunçados, como são seus pensamentos. Quando se olha no espelho pra passar o batom, fica torto, como as roupas, como nossa vida! Percebo que muitos a olham de lado. Percebo que muitos nem a olham. Ela até fala pra dentro, como se não fosse inteira, como quem tem vergonha.

Mas eu a acho bonita, porque ela é minha mãe! Eu a amo, porque quando aquele homem me acorda pra ir à escola, puxando meus braços com força, é ela quem vem me acudir. Depois que ele vai embora, a gente se abraça. Nessa hora ela ergue a cabeça, põe a mão no meu rosto, e até ensaia um sorriso tímido: ela me vê, e eu vejo que tem vida ali dentro! Como uma árvore que parece seca, e põe um brotinho, sabe? Agora que já estou com doze anos, eu vou ajudar ela. Vou ensinar ela a ler, nas minhas férias, como a professora da escola fez pra mim. Eu vou cuidar do brotinho que vejo.



Na escola, a gente aprender a ler e escrever, aprende a fazer contas, e escuta muitas histórias. As professoras falam das coisas da vida, das opções que temos, ensina que a criança tem direito de estudar, conversar e brincar; mas minha mãe nunca teve isso.

Ela nasceu numa família pobre, vivia na roça; sempre trabalhou e nunca foi à escola. Ainda menina, foi morar junto com um homem, e, com ele, teve minha irmã mais velha. Mas ele logo a abandonou... dizia que ela não tinha a cabeça boa! Então ela conheceu meu pai. Eles se mudaram de Minas Gerais para São Paulo e aqui tiveram dois filhos. Meu pai não batia nela, mas também não a tratava bem. Lembro de ele gritar que ela era muito burra, que ela não tinha jeito! Será que ele não entende que ninguém nunca explicou as coisas pra ela? Na verdade, acho que ele também não entende algumas coisas: que deve ser muito difícil morar num mundo que não foi feito pra gente, cheio de símbolos que não sabemos decifrar, onde ninguém vê o coração. É engraçado que, até o relógio, minha mãe usa virado no pulso! Eu não brigo com ela, eu só viro. Ela gosta quando eu faço isso.

Em certo momento, meu pai se cansou, deixando-a sozinha, com nós três. Ela teve que dar um jeito. Minha irmã foi morar com o namorado. Coitada! Parece estar no mesmo caminho... ela apanha também. Meu irmão foi enviado pra minha avó cuidar. Eu tenho saudades dele! A gente nunca mais se viu. Eu fiquei.

Seria bom se tivéssemos ficado só nós dois, mas logo apareceu esse outro homem. Ela disse que precisava, pra ajudá-la a pagar as contas. Mas ela trouxe um monstro pra nossa casa! A gente mora no meio do mato, não tem vizinho perto. Ninguém nos escuta. Nossa casa é muito pobre, não tem guarda-roupas, nem cama pra todo mundo. Quando chove, tem goteiras, e faz muita lama ao redor. Minha mãe se ocupa fazendo comida e lavando os pratos, mas, muitas vezes, nem sabão tem em casa.

Há um tempo atrás, veio uma psicóloga aqui, que conversou bastante com minha mãe. Percebi, então, que ela tem alguma noção da precária condição em que se encontra, porque ela contou o que acontece. Contou com medo, mas contou. Pediu pra não espalhar para os outros, senão seria pior. Foi um grande grito de socorro, pra quem se sente sem voz. Eu ouvi a conversa atrás da parede. A psicóloga voltou, então, algumas vezes. Aconselhou minha mãe sobre o que fazer quando aquele homem a ameaça, e disse pra ela nunca deixar de me mandar para a escola. Também contou a ela sobre uma escola especial para adultos que ainda não aprenderam a ler. E ela foi! Ela vai sempre que consegue!

Um dia aquele homem encontrou a psicóloga em nossa casa, e brigou com ela, falando um monte de palavrões. Ela nunca mais voltou. Agora

elas conversam pelo telefone, mas só de vez em quando. Se ele desconfiar, estamos com problemas! Minha mãe me contou que ela vai ser ajudada a ter uma conta num banco, para receber os benefícios do governo. Ela já tentou ir ao banco atrás disso, mas não entendeu por que disseram que não era possível. Deve ter faltado algum documento, mas ela não sabe dizer qual foi. A psicóloga falou que vai junto com a minha mãe, no banco. E que está arrumando uma casa pra gente ficar, um tempo, quando a gente sair daqui! Eu acharia muito bom, mas minha mãe tem medo. Eu torço pra ela conseguir logo, antes dele matar minha mãe. Ou de eu matar ele!

A gente reza por um milagre, por uma ajuda! Tem gente boa nesse mundo! Minha mãe conta que sua professora, na escola, é querida: muitas vezes se senta ao seu lado pra conversar, só as duas. Ela explica as coisas de um jeito mais fácil. Disse que vão ligar pra psicóloga, para saber onde podem ajudar também. Deu até o dinheiro da passagem do ônibus, pra ela nunca faltar à escola. Minha mãe tem direito ao passe social, mas ela esquece de buscar, ou, quando vai, dizem que faltou levar alguma coisa.

Eu olho os cadernos de escola da minha mãe. Lá, tem um monte de risquinhos e bolinhas, que ela copia. Acho que está treinando a mão pra escrever. Também tem os números de um a dez, que ela está tentando aprender, e as vogais. Ficam tortos, e logo não dá pra entendê-los: ela mal consegue fazer igual ao modelo. A mesma coisa explicada no começo do caderno se repete nas páginas adiante: a minha mãe não grava.

Eu nunca vou deixar de ir à escola! Nunca! Quero aprender as coisas pra poder ajudar minha mãe, e outras pessoas como ela! Quero ser professor, ensinar muita gente a ler, e a pensar, porque precisa disso pra viver com dignidade. Hoje todo mundo vai pra escola! A van busca os alunos em casa, dão uniforme e material. A escola também mudou: tem leitura de história, tem até comida e a gente conversa sobre tudo! Nossa vida teria sido muito diferente se minha mãe tivesse ido à escola! Ela poderia ter aprendido, poderia ter um emprego e saberia melhor tomar suas decisões. Uma pessoa criada com tantas privações, sem o mínimo estudo, sem o carinho dos pais: pra ela, tudo é inacessível! Até os direitos garantidos. Minha mãe não sabe que a vida pode ser diferente.

Uma criança sem educação, ao crescer, espalha o problema por mais de uma geração, e pra mais de uma família: minha irmã mais velha repete o que acontece aqui; meu irmão está com a avó, não está conosco! Uma pessoa sem educação sequer percebe a injustiça que sofre. Parece um passarinho de asas cortadas!

Hoje, o dia está lindo! O céu está cheio de passarinhos, e eu tenho inveja deles. Queria voar como eles, e levar minha mãe junto, pra longe

daqui! Mas basta aquele homem voltar, que tudo fica cinza. Até quando vai ser assim?

Nossa vida está invertida. Minha professora, quando soube que eu conferia a lição da minha mãe, disse que isso é um pecado: “Pobre menino, que carga! Pobre mulher, que infeliz!” Mas eu não penso dessa forma: me sinto inteligente e corajoso, e vou ajudar minha mãe! Por dias mais lindos em nossa vida!

Nos cadernos de minha mãe, tem tracinhos e bolinhas. Ela avança, devagar. Mas em meio a tantos esforços, tem um traço que ela quer tanto fazer, e tenta, dia após dia, mas simplesmente não consegue: a mão dela se recusa a desenhar a forma do coração! Acho que entendo o porquê!

Ai, meu Deus! Ele está vindo...



**4ª Colocada**

## ESPERANÇA A ESTA CRIANÇA

**Bruna Aparecida Garcia de Oliveira**



Dizem que o passado é o chão que sempre pisaremos, não pode apagar o que se viveu mesmo que tente fugir. Acreditei que continuar andando sem olhar para trás deixaria meus momentos sombrios esquecidos, mas observar uma criança, vivendo uma vida tão similar a minha infância, os revivem como mortos vivos me puxando para um eterno abismo.

Uma criança separada de mim apenas por uma parede parecendo papel, tão fina que me permite escutar cada passo na casa ao lado. Seus gritos noturnos, de pavor e dor, atravessam a parede me recordando de uma memória que desejei apenas ser um pesadelo.

Pobre criança, a escuto todas as noites e sei que cada gota de uma chuva salgada escorre por aquele rosto tão pequeno a cada a nova marca em seu pequeno corpo; marcas, manchas, feridas que atravessam a pele e se alojam eternamente no coração... eu sei porque também tenho-as.

Sei o que é receber as visitas noturnas, ter amargura aos toques incomuns disfarçados de carinho, da dor ao receber cada nova cicatriz e sei o que é sonhar sobre salvamento. Esperei e esperei até a esperança acabar, resolvi fugir idealizando um novo começo, mas encontrei uma nova história que cortou minha última árvore-da-felicidade, da exploração no lar à exploração nas ruas.

Da infância à vida adulta, uma vida: violência marcada de consequências. Um passado que me tornou vulnerável, relações abusivas e cruéis como ciclos que não vejo fim e o álcool como único amigo para afogar tudo isso. Pobre criança, terá o mesmo destino que o meu? Ainda à esperança?

Esperança... minha esperança era ser salva, ser notada por aqueles que fingiam serem cegos, surdos e mudos. Essa também é a esperança de meu pequeno vizinho e estou apenas torcendo para que alguém faça algo. Por que não faço nada? Sou capaz de plantar uma árvore-da-felicidade para ele? Sim, sou!

Plantar uma árvore de possibilidades positivas ao pegar o telefone e a cada número discado um desejo, um... não se afogue nas dolorosas consequências... zero... meu tão sonhado salvamento, que ele o tenha... zero... dai esperança a esta criança. Os primeiros passos para a mudança em uma vida inteira por meio de poucas palavras: gostaria de fazer uma denúncia.





**5ª Colocada**

## NO JARDIM DA INFÂNCIA

**Adriana Jungbluth**



Era uma vez duas flores, uma amarela e outra branca, que brotaram nos extremos opostos do jardim da infância. Ambas tiveram acesso à mesma terra, ao mesmo sol, à mesma chuva, mas não puderam desfrutar deles da mesma forma, não receberam o mesmo amor dos que as cercavam.

A flor amarela cresceu tendo todas as necessidades atendidas, recebendo alimento da terra adubada, água na quantidade certa, abrigo do sol quando estava muito forte e cuidados de saúde. No calor, ela floresceu robusta, sua alma cheia de fulgor. A flor branca, por outro lado, sofreu com a escassez de água e de nutrientes, pois os que lhe cuidavam não deixavam para ela. Não teve abrigo da chuva forte, suas folhas e caule foram machucados e não lhe forneceram cuidados adequados. Lutava para sobreviver, sua esperança definhava.

A primeira flor foi amada e pôde desenvolver-se em seu próprio ritmo, teve seu potencial cuidadosamente nutrido. No entanto, a segunda não recebeu acolhimento físico, mental, emocional, social ou cultural que correspondesse ao seu potencial.

A flor amarela foi tratada sem discriminação, independentemente de seus gostos e origem. A flor branca, por outro lado, enfrentou preconceito por ter uma pétala a menos e por gostar de flores iguais a ela.

A uma flor foi permitido cantar livremente e expressar pensamentos. A outra, sem voz, teve seu brilho esmaecido.

A primeira flor foi protegida de forma constante e eficaz de qualquer ameaça, envolta por um manto de amor. A segunda foi vítima de abusos, desamparo, como uma flor que murcha, sem esperança.

Uma flor teve acesso à sabedoria, a luz da educação a guiou. A outra, na escuridão, tentou aprender sem enxergar.

A primeira flor desfrutou de serviços de saúde adequados, a segunda não teve a quem recorrer quando ficou doente.

Uma flor viveu em ambiente seguro e feliz. A outra cresceu com medo, onde sua infância podia ser tirada a qualquer momento.

Uma flor teve nome, família e comunidade para pertencer. A outra foi negligenciada.

Quando a tempestade chegou, uma flor foi acolhida e protegida, a outra foi deixada sozinha para enfrentá-la.

Uma delas cresceu linda e saudável, com raízes profundas e firmes, desabrochou majestosa e plena para a vida. Adquiriu pétalas douradas, abraçadas pelo sol radiante. A outra, sem apoio, agora oscila ao vento, perdida e só, não conseguiu se desenvolver; floresceu timidamente, quase sem vida, branca como a lua, na sombra inconstante.





1º Prêmio Jundiaí de  
**Literatura**

